



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**EDUARDO MATUMONA EMILIANO NDOMA**

**UNÇÃO DOS ENFERMOS, UMA LITURGIA HOJE  
EM ANGOLA**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Professor Doutor José Jacinto Ferreira de Farias

**Lisboa**  
**2017**

## **Resumo**

A realidade da doença e o sofrimento estiveram sempre entre os problemas mais graves que afligem a vida humana. Na doença, o homem experimenta a sua incapacidade, os seus limites, a sua finitude achar-se em si mesmo, sem nenhum contacto com a família, até por vezes ao desespero e revolta contra Deus.

Mas também pode tomar uma pessoa mais ponderada, ajuda-la a discernir-se para o que não é essencial e a voltar-se para o que é. Muitas vezes a doença leva a busca e a um regresso a Deus. A presença hospitaleira é chamada a descobrir Deus na pessoa doente, como um “presente” recebido a partir da escuta do grito dos pobres.

Estas e outras são as razões levaram-nos a trabalhar a Unção dos enfermos, por uma liturgia hoje em Angola!

**Palavras-chave:** Doença, abandono e sofrimento.

## **Abstract**

The reality of disease and suffering, always has been among the most serious problems affecting human life. In disease, men experience his own inability, his limits, his finitude fills in himself, without any contact with family, even sometimes despair and revolt against God.

But also can make someone weighted, help him to discern what is not essential and turn back to what it is, a lot of times disease make one to search for God, to return to God. The hospitable presence is a call to find God in the sick one, like a “gift” received from listening the poor’s shout.

These and others are the reasons to entitle the dissertation: Anointment of the sick, for a liturgy today in Angola!

**Keywords:** Disease, abandon and Suffering.

## **Introdução**

A vida humana está marcada por diversas decisões, pela razão da liberdade e vontade de que o homem é dotado. Existem certas questões da vida que ultrapassam a simples vontade e liberdade humana, porque superam os seus níveis da vida, tal como a doença. Neste contexto o homem deve reconhecer-se fraco, débil, sujeito ao sofrimento e à dor e destinado à finitude e à morte. Daí é que os males de modo geral, e em particular, os causados pela doença, são uma das realidades mais desafiantes para os homens de todos os tempos, de modo muito particular para os Angolanos, exatamente porque o estado patológico é muito débil, e questiona-se em profundidade e desvela com bastante objectividade.

Frente a situação que atinge de forma tão aguda a vida das pessoas e das sociedades, muitos sectores procuram oferecer respostas. Entre aqueles que tradicionalmente sempre se ocupam com a questão da saúde, como é o caso da medicina tradicional, está, em situação particular, a religião.

No nosso caso como católicos, há um sacramento deixado por Nosso Senhor Jesus Cristo, como resposta à dor e à fragilidade humanas em busca de vida e Salvação.

Neste trabalho, *A Unção dos Enfermos à luz da Pastoral Litúrgica em Angola*, proponho-me a estudar alguns elementos antropológico-teológicos, bem como os elementos litúrgicos principais do actual Ritual de Unção dos Enfermos, reformulado pelo Concílio Ecuménico Vaticano II. Para apresentar sugestões para a Pastoral da saúde e para suas celebrações litúrgicas, fazendo dela um Sacramento da vida e não da morte.

Proponho um percurso organizado em quatro capítulos:

No primeiro capítulo, abordarei sobretudo a antropologia da doença na cultura indígena angolana, descrevendo as causas da doença, suas curas etc..

No segundo capítulo, estudarei a doença vista à luz da Sagrada Escritura, baseando sobretudo no Novo Testamento em que Jesus marca a sua presença visível. Onde abordarei que a Unção dos Enfermos, curando o corpo, torna-se remédio para o espírito, no qual todos os acontecimentos convergem numa experiência de vida alegre e cheia de esperança, mesmo com as suas fadigas. Por isso, não olhamos para as coisas visíveis, mas para as invisíveis, porque as visíveis são passageiras, ao passo que as invisíveis são eternas.

No terceiro capítulo, vou estudar o Sacramento da Unção dos doentes, que se apresenta como o conforto do cristão que sofre, aprofundando a relação do homem com a sua enfermidade e sua busca religiosa de Salvação.

No quarto capítulo, proponho-me oferecer uma proposta pastoral de evangelização do doente, isto é, a pastoral da saúde nas nossas comunidades, paróquias, onde procurarei manifestar este zelo pastoral como na Liturgia deste Sacramento da vida e não da morte, e que portanto, se assim for, a liturgia e a pastoral precisam dar-se as mãos para abrir um caminho nesta perspectiva. Neste capítulo serão também tratados os aspectos da Pastoral da saúde e ter-se-á, sobretudo, em consideração os factores sociológicos e psicológicos da doença. Pretende-se sublinhar os âmbitos fundamentais onde é possível intervir no campo da pastoral da saúde. Abordam-se aqui também os aspectos que dizem respeito à vida espiritual do doente.

No decorrer deste estudo, transversalmente, irei sublinhar os aspectos mais relevantes da saúde, concretamente em termos de espiritualidade e religião, como factores fundamentais no apoio ao doente ou em situação de sofrimento.

Gostaria, a concluir, de proceder a alguns agradecimentos as pessoa que me ajudaram na realização desta dissertação.

## **Agradecimentos**

A Dom Vicente Carlos Kiaziku, Bispo da diocese de Mbanza -Kongo, que me ofereceu esta oportunidade para continuar os estudos em Lisboa;

Ao Patriarca de Lisboa que me acolheu;

Ao Cónego António Marim, Prior da Paróquia de Nossa Senhora da Lapa-Basílica de Estrela, que me acolheu e ofereceu hospitalidade;

Ao Professor José Jacinto Ferreira de Farias pela sua orientação;

Ao Padre Valter Malaquias, Prior de Santos-o-Velho;

Ao Dr. Gime Luís, pelas suas sugestões no que diz respeito a cultura angolana;

A Faculdade de Teologia e os seus Professores.

## **Capítulo I - Antropologia da doença na cultura indígena angolana**

Neste capítulo, em que a abordagem se refere à doença na antropologia angolana, demonstra-se que a doença não é apenas um fenómeno que vem enfermar a dimensão física da pessoa, mas nalguns casos incide afectando, sobretudo, a integralidade espiritual do homem, o que deve ser acompanhada com curas e símbolos.

### **1. A concepção da doença na cultura Angola**

A doença na lógica do sistema de pensamento Angolano é um sinal de desequilíbrio da força vital do “muntu”, ser humano. Ela é a ruptura do equilíbrio do homem consigo, causando angústia, ódio, vingança, desespero, etc...E a boa saúde no pensamento Angolano consiste no equilíbrio da força vital, na boa relação do homem na sua dimensão com o espiritual, na sua relação de parentesco com a sociedade global e, em particular, com o seu meio ambiente. O drama do “muntu”, ser humano, se revela nos conflitos originados pela dualidade de forças que vivem nele, na ruptura de harmonia das forças cósmicas.

Na sociedade Angolana a doença, geralmente, não é concebida como uma fatalidade, mas sim como desarmonia, desequilíbrio e, de certa maneira, como um escândalo que adere antropologicamente ao ser humano<sup>1</sup>. A doença não é ressentida apenas como fenómeno que vem abater a dimensão física do individuo em particular, mas ela é também vivenciada em alguns casos como uma desordem espiritual do próprio homem nas suas relações com a sua família espiritual, dimensão da ancestralidade. E conseqüentemente, a doença perturba as relações sociais. Por conseguinte, as sociedades africanas geralmente concebem a doença como a ruptura do

---

<sup>1</sup> Cf. L. FRANÇOIS, *Antropologia da doença*, (São Paulo: Martins Fonte 2004) 149.

equilíbrio, da harmonia do ser humano, do indivíduo, da família, da comunidade, da sociedade e do cosmos em geral.

Na cultura Africana, e, em particular em Angola, a doença é um símbolo da realidade profunda desequilibrada. É, portanto, um assunto de toda a família, de toda comunidade: “O corpo social limita a forma pela qual o corpo físico é percebido. A experiência física do corpo é sempre modificada pelas categorias socioculturais e das quais é conhecida, sustentando uma visão particular da sociedade”<sup>2</sup>.

### **1.1. As curas na tradição angolana**

As técnicas de tratamento e cura não podem ser separadas do universo simbólico do qual tem todos os elementos, pois a doença implica, em última análise, as reações entre os homens e o universo sócio-cultural e vice-versa. O universo angolano da doença é, portanto, inseparável do universo dos espíritos do mágico-religioso que aparece como uma linguagem articulada na qual se toma conta da ordem e da desordem do mundo da vida e da morte. Diante dessa insegurança, dessa desordem, o angolano é obrigado a recorrer a todos os meios que estão ao seu alcance para sair do impasse, recorrendo e considerando a medicina africana tradicional como legado dos seus ancestrais desde os primórdios dos tempos.

É, portanto, perfeitamente normal, na mentalidade africana, que o indivíduo que não tenha cumprido devidamente as suas obrigações, os ritos e rituais determinados pelas regras tradicionais em relação ao seus antepassados, tenha sofrido as consequências nefastas, a ruptura de harmonia, o desequilíbrio, a doença. Por isso, vai procurar o Nganga (curandeiro), conforme as designações de cada etnia africana, o “médico tradicional” para que lhe diga que seus antepassados reclamaram o rito que não foi

---

<sup>2</sup> L. FRANÇOIS, *Antropologia da doença*, 150.

cumprido ou não tenha seguido as etapas necessárias e ou não cumprido os rituais na sua integridade. Abandonar os ritos ancestrais, nas sociedades africanas, significa romper as articulações importantes, cortar a ligação que rege as relações indispensáveis entre os vivos e os que já partiram, os “mortos” como dizia Mandela:

Aprendi que negligenciar os seus ancestrais traz a má sorte (azar) e desastre na vida. Se desonrar seus ancestrais, a única forma de expiar a sua falta seria consultar o Nganga, médico tradicional africano ou um ancião da tribo que se comunicaria com os ancestrais e lhe transmitiria as profundas desculpas. Todas essas crenças me parecem perfeitamente normais<sup>3</sup>.

Restabelecer o equilíbrio rompido e reconstituir a harmonia perturbada no homem, ou seja, a cura de doença, constitui uma das grandes preocupações nas sociedades africanas. Antes de proceder ao processo de cura, é preciso, portanto, procurar a explicação, as causas do desequilíbrio “o mal” que se situa na dimensão física do mundo visível e, sobretudo, nas experiências humanas no mundo invisível, o mundo dos espíritos. A cura da doença, nas sociedades tradicionais africanas é concebida na dimensão integral do homem que não se limita apenas aos aspectos físicos, mas também a todas as dimensões de sofrimento do homem, incluindo aqueles que afectam a sua vida material, moral e espiritual.

O processo de cura feito pela medicina tradicional africana, em princípio, se endereça ao ser humano na sua totalidade, na sua integridade global. Da mesma maneira a cura não se limita apenas ao indivíduo, mas afecta toda a vida da comunidade e da sociedade em geral. Isso implica restaurar a integridade original do homem e lhe permitir encontrar a sua dignidade primeira. Este processo implica eliminar todas as formas de opressão e de perturbação que criam desequilíbrio e afectam a vida do homem e o impedem de ser ele mesmo. Isso significa libertar o homem de tudo o que faz obstáculos à sua completude *enquanto munthu*, ser humano. A ideia de cura

---

<sup>3</sup> N. MANDELA, *O abandono dos ritos ancestrais na sociedade africana é romper com a cultura*, (Pretória: Vozes da Nação 1980) 59-60.

constitui um aspecto importante da religiosidade africana. Ela está presente praticamente em todas as sociedades, tanto nos meios mais tradicionais das zonas rurais como no meio urbano e, muitas vezes, as suas práticas são disfarçadas ou reprovadas pelo impacto da civilização moderna ocidentalizada:

“Mas o homem da cidade que toma o caminho do campo, (ou encontra um curandeiro (Nganga) tradicional em sua cidade mesmo) não está somente em busca de uma cura que a medicina africana lhe der, ele encontra ainda no contacto com o curandeiro, a relação de uma imagem de seu corpo bem mais digna de seu interesse do que aquela fornecida pelo saber biomédico. No diálogo com o curandeiro, ele descobre uma dimensão simbólica que suscita seu espanto e cujo questionamento o perseguirá frequentemente, por muito tempo depois. Ele enriquece sua existência com uma pintada de Símbolo”<sup>4</sup>.

#### 1.1.1. A cura por meio de plantas medicinais

O homem indígena dependia fundamentalmente da natureza para a sua sobrevivência e serviu-se principalmente das plantas medicinais para se curar. No decorrer de sua evolução surgiram novas terapias. Entretanto, até 1828, quando Friedrich Wohler sintetizou a ureia a partir de uma substância inorgânica, o cianato de amónio, o homem não conhecia como origem da matéria orgânica qualquer fonte que não fosse vital, animal ou mineral. Isso significa que praticamente com exceção do século XX, toda a história da cura na cultura indígena estava totalmente ligada às plantas medicinais e aos recursos minerais. A eficácia das drogas de origem vegetal é um facto desde as mais remotas civilizações, na chamada «Matriz Geográfica» da civilização Ocidental: o quadrante noroeste que envolvia a Europa (Mar Mediterrâneo), Africa Setentrional (Vale do Rio Nilo), Asia Ocidental (Mesopotâmia), e as regiões Entre-Os-Rios Tigres e Eufrates<sup>5</sup>.

A ação médico-mágica desenvolveu-se em várias etapas. O curandeiro possui aptidões médicas que se desenvolveram com a prática e a partir do conhecimento da

---

<sup>4</sup> N. MANDELA, *O abandono dos ritos ancestrais*, 61.

<sup>5</sup> Cf. A. M. ZELIA, *Publicidades medicinais*, (Salvador: EDUFBA, 2011) 221.

farmacopeia, fruto da herança dos milênios de terapêutica empírica. Este conhecimento vastíssimo das propriedades medicinais das plantas, folhas, frutos, grãos, raízes, cascas de árvores, sumos, minerais, carvões e extratos de animais, convertem-nos em médicos que nos surpreendem às vezes com suas curas.

Outro aspeto muito importante, é o profundo conhecimento da toxicologia. A ciência Ocidental considera venenosas 370 plantas africanas. Não há dúvida que estes especialistas conhecem na verdade muitas mais<sup>6</sup>. A estes curandeiros se deve um avanço na medicina, infelizmente desconhecido no resto do mundo<sup>7</sup>. Milhares de substâncias medicinais são aplicadas por meio de infusões, emplastos, cataplasmas, lesões, inalações, fumigações, sangrias, vesicatórias, banhos de suor, cauterizações e dietas alimentares. Através destas plantas, raízes, folhas e outras conseguem que mulheres idosas ainda amamentem. Sabem como acelerar o parto, curar doenças venéreas, soldar fracturas, juntar ossos, aliviar o reumatismo e dar fecundidade às mulheres:

A propósito da aplicação de plantas e raízes, além das que possuem propriedades medicinais, julgo que estas também são utilizadas de maneira puramente mágica, sobretudo quando aplicadas exteriormente...Como Junod, a este processo de obter efeitos benéficos deu o nome de «magia verbal», mas com maior propriedade talvez seja preferível designá-la por magia verbal análoga. Com efeito, o uso de determinadas plantas implica um efeito adequado ao significado etimológico da espécie botânica utilizada<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> Cf. A. M. ZELIA, *Publicidades medicinais*, 230-232.

<sup>7</sup> Cf. H BRUHN, *Journal of ethnopharmacology* (1979), 30-32.

<sup>8</sup> P. CAVALCANTE, - B. FRIECKEL, *Farmacopeia Tiryó: Estudo etnobotânico*, in *Publicações Avulsas/Museu Paraense Emilio Goeldi*, 24 (1979) 5-8.

## 1.2. Causas da doença na cultura Angolana

Olhando para a estrutura antiga da doença na cultura Angolana, a sua causa é caracterizada a partir da magia negra também conhecida como feitiçaria, levando a subtrair o doente à influência do mal.

### 1.2.1. A problemática do feitiço

Feitiço é tudo aquilo que tem o poder de actuar sobre os outros, prejudicando-os e diminuindo a sua força vital, podendo mesmo ir até ao ponto de os aniquilar. Qualquer um pode ser feiticeiro, ainda que não saiba. Daí tantas acusações de feitiçarias lançadas contra pessoas aos nossos olhos inocentes, mas que o *banto* acredita serem intrinsecamente más (característica que saberiam ocultar perfidamente) ou que, não o sendo inicialmente, foram possuídas por algum espírito malévolo que as utilizou para os seus fins. Torna-se pois necessário subtrair o doente à influência malfazeja do “feitiço”. Antigamente, sobretudo se a criança doente era fidalgo, a pessoa acusada de a ter “enfeitado”, arriscava-se a ser presa e barbaramente executada, especialmente depois de a sentença ter sido confirmada por um outro adivinho<sup>9</sup>.

### 1.2.2. A magia

Os Antropólogos costumam distinguir a magia branca da magia negra, com base nos seus objectivos e consequências. Assim, tudo o que se destina a melhorar o individuo, a produzir o bem, é classificado na primeira categoria; A magia negra, pelo contrário, procura fazer o mal, utilizando feitiços, maldições e outros maléficos. É também chamada “feitiçaria”. “ Feiticeiros e mágicos recorrem aos actos mais reprovados (assassínios, incestos, transgressões de tabus), às matérias mais repugnantes (fezes, detritos diversos), aos objectos e às situações mais raras. É mesmo esta pesquisa do excepcional, do anormal, que confere uma propriedade actuante à magia”<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Cf. C. ESTERMANN, *A superstição e assistência médica*, (Paris: Colectânea de artigos dispersos, 1983) 197.

<sup>10</sup> E. CORREIA, *A história de Angola*, vol I, (Lisboa: Ática 1937) 369.

Obviamente que a magia não é um exclusivo das civilizações e culturas da África Negra. Foi praticada desde sempre em todos os tempos e em toda a parte: no Egipto, na Grécia, em Roma, entre os Judeus, Árabes, Europeus, Chineses, Indianos etc...Ainda hoje em países civilizados, é comum as pessoas (mesmo gente com formação superior!) consultarem o astrólogo ou a bruxa, quererem saber o futuro através da bola de cristal ou dos horóscopos, dos signos, etc., continuando assim a exploração da ingenuidade e da ignorância e mostrar-se uma actividade tão rendosa que aparece diariamente em anúncios das informações<sup>11</sup>. Não há, pois, que nos admirarmos se a magia continua viva e actuante na África Negra. O que pode afirmar-se é que nestas sociedades a suas influências são mais profundas, mais generalizadas e mais difíceis de eliminar, uma vez que lida com os princípios da ontologia banto e os distorce, provocando um terror permanente entre as suas vítimas, reais ou potenciais. Com enfeito, como ninguém morre por causas naturais - com excepção dos velhos - há sempre que procurar a origem da morte, provocada invariavelmente por um feiticeiro, um “comedor da alma” que perversamente se apoderou da força vital do falecido e a quem há que combater eficazmente. Se levarmos um Africano a espreitar pelo microscópio e lhe mostrarmos os micro-organismos responsáveis pela doença e morte de uma pessoa, ele dirá com toda a lógica: vejo muito bem que estas bactérias foram a causa “segunda” da morte dele; mas a causa “primeira”, aquela que levou a que elas se instalassem no corpo do doente, foi a acção criminosa do feiticeiro.

---

<sup>11</sup> Cf. E. CORREIA, *A história de Angola*, 370.

### **1.3. Relação entre dois Modelos da doença na cultura Angolana**

#### 1.3.1. O modelo de maldição.

Neste primeiro modelo interpretativo, muito claramente privilegiado pelas sociedades mais tradicionais, a doença é apreciada como o efeito de uma vingança gratuita. Ela é o acidente que corre por acaso, pelo destino, pela fatalidade, contra os quais nada se pode fazer. O doente (ou todo grupo) vive então o que lhe acontece como escândalo e como uma injustiça. Considerando-se uma vítima que padece pelo que não provocou, ele proclama sua inocência e sua indignação. Ele se interroga, não compreende e grita o que já tivemos algum dia a ocasião de ouvir: “o que é que eu fiz para o bom Deus?”.

A doença é atribuída à importância da “natureza” considerada “má”, interpretação do câncer bem como no pensamento astrológico contemporâneo e também genético, ela é a expressão de uma relação distendida entre o indivíduo e a sociedade apreendida como “má”. Desta feita, a desgraça individual é associada a um estado de desgraça mais fundamental, de um “mal-estar da civilização” segundo Freud, e se exprime principalmente na crença em uma divindade maldosa como na tragédia grega<sup>12</sup>.

#### 1.3.2. O modelo de Punição

Trata – se de interpretação rigorosamente contrária à anterior. Desta feita, a doença é vista como consequência necessária do que o próprio indivíduo ou o próprio grupo provocou. Aqui não se trata em absoluto, como anteriormente, de apontar o adversário, mas de designá-lo como sanção que resulta directamente da transgressão de uma lei: o indivíduo é punido por uma negligência ou por um excesso, mas sempre por

---

<sup>12</sup> Cf. L. FRANÇOIS, *Antropologia da doença*, 228.

um mau comportamento - com relação às prescrições religiosas ou médicas ou seja, por uma falta com relação à ordem social.

Esta apreensão, que nos é tão familiar, deve-se essencialmente à cultura cristã que impregnou literalmente os nossos comportamentos do religioso. Dois casos podem ser identificados.

A doença é a consequência de uma transgressão colectiva das regras sociais, exigindo uma reparação, ou seja, uma acção de ressocialização, sem que haja, como na Africa Negra tradicional, interiorização individual da falta, e ainda menos da noção de culpa. A doença é a consequência do pecado colectivo e individual, e, neste caso, o sujeito experimenta (ou deve experimentar) a culpabilidade com relação ao que é considerado um castigo merecido<sup>13</sup>.

#### **1.4. O conceito da doença no contexto sócio-religioso**

O homem indígena sempre procurou o auxílio de uma força maior que o ajudasse a superar os desafios encontrados no decorrer de sua vida, o que pode ser evidenciado nas tentativas de superação das doenças, sendo estes sinónimos de caos e desordem, além de serem consideradas um castigo divino. Neste sentido, a religião se encontra numa concepção de intermediária entre os homens e os deuses, para assim obterem a almejada graça, como crença da doença:

Enfermidade era vista por muitos religiosos, pregadores e também por médicos da época como um remédio salutar para os desregramentos do espírito. Nessa perspectiva, a doença nada mais era do que castigo por infração e infidelidade perpetrados pelos seres humanos<sup>14</sup>.

Mesmo nos dias actuais, com o intenso desenvolvimento tecnológico e o grande avanço na área da medicina, percebe-se que uma considerável parcela da população

---

<sup>13</sup> Cf. L. cit.

<sup>14</sup> J. B. FARIA - E. F. SEIDL, *Religiosidade e enfrentamento em contextos de saúde e doença* (Rio de Janeiro: Fiocruz 1994) 174.

ainda vê na religião uma forma de alcançar a solução para os seus problemas. Diariamente entre os povos da antiguidade, o pensamento mágico-religioso do conceito da doença será responsável pela manutenção da coesão social e pelo desenvolvimento inicial da prática médica. Nas diferentes culturas, o papel da cura estava entregue a indivíduos iniciados: os sacerdotes tradicionais, entre eles, Índios Brasileiros e os Curandeiros Africanos, considerados como líderes espirituais com funções e poderes de naturezas ritualísticas, mágica e religiosa. Para manterem contacto com universos sobrenaturais e com as forças da natureza, encarregados de realizar cura, erradicando o mal e reiterando o doente a partir de diferentes recursos extáticos de convocação, captura e afastamento dos espíritos malignos, os curandeiros valem-se de cânticos, danças e instrumentos musicais, e infusões.

A unção dos enfermos veio restabelecer o equilíbrio rompido e reconstituir a harmonia perturbada no homem, ou seja, a cura da doença, constitui uma das grandes preocupações nas sociedades africanas. É preciso, portanto, procurar as causas do desequilíbrio (o mal), sobretudo advindo do mundo invisível, isto é, o mundo dos espíritos.

## Conclusão

À guisa de conclusão deste capítulo, percebeu-se que a terapêutica africana da acção da doença e do curandeiro divide-se em três acções complementares uma das outras: a) acção médica-mágica, b) acção psico-moral e c) accção religiosa, visto que a mesma desenrola-se em várias etapas do processo cultural e social das comunidades.

## **Capítulo II - A doença vista à luz da Sagrada Escritura**

Quando lemos as duas partes que compõem a Sagrada Escritura, o Antigo Testamento e o Novo Testamento, notámos a diferença fundamental, e uma das diferenças diz respeito à maneira como a questão da doença é encarada, entre as partes. Percebe-se que o Antigo Testamento preocupa-se mais com a doença da lepra como objecto de uma minuciosa da descrição no livro de Levítico, mas o objectivo não é tratar o doente de lepra, mais sim isolá-la, visto que era uma doença impura (Lev.13,1-5).

No Novo Testamento perante a doença Jesus manifesta-se como um líder carismático (Tg. 5, 14), um pregador da moral e é também um médico milagroso, isto é, cura numerosos doentes e ressuscita os mortos.

Anunciado por Cristo e promulgado por São Tiago, o sacramento da Unção dos enfermos tem como referência fundamental os textos de Mc 6, 12-13 e de Tg 5,14-15. A acção da Igreja em favor dos doentes foi sempre entendida como continuação da própria missão recebida de Cristo, de proclamar o evangelho de Reino de Deus na terra, de que faz parte a solicitude pelos doentes, que encontra neste gesto da Unção uma das suas expressões mais significativas.

A Unção dos Enfermos recomendados por São Tiago constitui uma forma particular dos diferentes tipos de unção que eram comuns na antiguidade, tanto em Israel como no mundo greco-latino de então. Mas trata-se de todo um outro poder que exercia, segundo S. Marcos, quando os discípulos de Jesus expulsavam os demónios e ungiam os doentes (Mc 6,13). Nesse contexto, Jesus tinha-lhes dado expressamente poder para isso (Mc 6,7). São Tiago chama a atenção para a oração e para tudo ser feito em nome do Senhor, cabendo aos presbíteros orar pelo doente, ungi-lo com o azeite, mas em nome do Senhor (Tg 5,14). Só então a oração curaria o doente e o Senhor o aliviaria (Tg 5,15s).

## 2.1. Fundamentação Bíblica

Apesar de tudo, a Igreja vive com uma convicção: o dono da vida é companheiro do homem e nunca abandona. Jesus de Nazaré revelou-se como libertador e médico de todos.

### 2.1.1. Antigo Testamento

O homem no Antigo Testamento vive a doença à face de Deus. É diante de Deus que desafoga o seu lamento pela doença que lhe sobreveio (*Cfr.* Sl 38) e é d'Ele, Senhor da vida e da morte, que implora a cura (*Cfr.* Sl 6, 2; Is 38.). A doença transforma-se em caminho da conversão (*Cfr.* Sl 38, 5; 39, 9-12.). E o perdão de Deus dá início à recuperação (*Cfr.* Sl 32, 5; 107, 20). Israel fazia experiência de que a doença está, de modo misterioso, ligada ao pecado e ao mal, e de que a fidelidade a Deus em conformidade com a sua lei restitui a vida: “porque Eu, o Senhor, é que sou o teu médico” (*Cfr.* Ex 15, 26). O profeta entrevê que o sofrimento do doente pode ter também um sentido de reparação pelos pecados dos outros. Finalmente Isaías anuncia que Deus trará a Sião um tempo em que perdoará todas as faltas e curará todas as doenças.

### 2.1.2. A enfermidade no Novo Testamento

Na Bíblia indaga-se de múltiplas maneiras qual é a relação da enfermidade com Deus, se ela representa uma consequência do pecado imposta por Deus e até que ponto se deve esperar dele a cura. Uma interpretação não diferenciada da enfermidade como castigo por transgressões é rejeitada cada vez mais. Muitos salmos trazem a situação da enfermidade que passa para dentro da oração e por conseguinte, para dentro do relacionamento com Deus (*Cf.* Sal: 88.)

Na actuação de Jesus, percebe-se que Deus deseja a salvação, mais precisamente a salvação integral do ser humano. As curas de enfermos e a correspondente reintegração na comunhão são sinais do Senhorio de Deus que a inicia.

De acordo com Marcos 6,13, faz parte da actividade dos discípulos de Jesus realizar unções em enfermos e curá-los (*cf.* Mt 10,8). Deve-se supor que ao relato de Marcos 6,18, corresponde uma prática eclesial nos mesmos termos. Tanto no judaísmo como no âmbito helenista, o óleo é tido como remédio e tratamento de feridas. Na interpretação religiosa atribui-se ao óleo da vida um efeito similar para a salvação escatológica, como a água da vida, é o fruto da árvore da vida: protecção diante da morte e prevenção da vida.

Para o cuidado da enfermidade no cristianismo Tiago 5,14s alcançou uma relevância especial. A carta incentiva a chamar, em caso de enfermidade, os anciãos, ou seja, os dirigentes da Igreja, solicitando sua oração e uma unção em nome do Senhor. O fruto deste acto de oração é descrito por três promessas consecutivas, cujo sentido específico somente é traduzido como *salvação* - a «oração da fé salvará o doente» -, e de «pôr de pé», pois se diz que o Senhor o erguerá. Isto significa que a salvação passa por restituir ao doente o sentido da sua dignidade e de viver a doença com dignidade. Salvar e pôr de pé podem em princípio significar tanto a presença da morte física como também, no sentido escatológico, a redução para a Salvação definitiva. Contudo, o pôr de pé também pode ser relacionado com a condição psíquica do enfermo. O anúncio do perdão dos pecados está ligado apenas condicionalmente (“Se tiver cometido pecado”) à unção: a enfermidade como tal não constitui indício de pecado. Em suma, aguarda-se um efeito integral, que incide tanto sobre corpo e a alma como na situação perante Deus.

Tiago 5,14s não pode ser lido, sem mais nem menos como fundamentação do Novo Testamento para posterior unção sacramental dos enfermos. O texto é um testemunho de que entre os primeiros cristãos era costume ungir enfermos. Essa prática da unção esta nitidamente em continuidade com costumes não-cristãos, mas é colocada dentro de um contexto eclesial e conduzida por uma oração do cunho cristão<sup>15</sup>.

#### *2.1.2.1. A maneira de entender a doença na tradição sinóptica*

Não se pode falar da solicitude da Igreja para com os doentes sem primeiro olhar para os Evangelhos. Descobre-se aí que Jesus, para com os doentes, tem uma atitude singular que associa ao seu ministério messiânico. A doença e o sofrimento eram, no tempo de Jesus, compreendidos como consequências do pecado, podendo estar associados a possessão por espíritos malignos. Os doentes, tidos como pecadores (*Cf.* Lc 5, 20; Mc 2, 5; Mt 9, 2; Jo 9, 2.), eram socialmente marginalizados. Tal como acontecia com os leprosos. Jesus não se conformou as concepções vigentes. Movido pela compaixão e pela misericórdia, ultrapassou os tabus legais acolhendo, tocando, curando e reintegrando socialmente os doentes (*Cf.* Lc 5, 12-15; Lc 17, 11-14).

#### *2.1.2.2. Mateus*

Em Mateus, a cura dos doentes está ligada à atividade taumaturgica de Jesus desde o início. Logo a seguir ao chamamento dos primeiros discípulos (*Cf.* Mt 4, 18-22.), no início do seu ministério público, Mateus dá conta, num sumário, que Jesus “começou a percorrer toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, proclamando o Evangelho do reino. Jesus cura todas as enfermidades, refere Mateus através dos relatos de cura, quer

---

<sup>15</sup> Na fórmula actual do Ritual dos Enfermos, nº. 5, segundo Tiago 5, 4s refere: “O Senhor, que te livra de pecados, Te salve, em sua graça Ele te ponha de pé”.

indicar que nada limitava o poder curador<sup>16</sup>, e libertador de Jesus, revelando-se como filho de Deus. A cura de doentes oriundos do povo ou de povoações pagãs e estrangeiras vizinhas não é uma acção menor, mas tem uma função significativa: é Boa-Nova em ato, vivida como libertação e salvação por aqueles que são curados e/ou acolhem o ensino de Jesus; dá credibilidade e autoridade ao seu ensino e visibilidade à sua acção taumatúrgica.

### 21.2.3. Marcos

Em Marcos, tal como em Mateus e em Lucas, os doentes têm prioridade na acção de Jesus. A sua atividade terapêutica potencializa o anúncio do Reino. São vários os textos de cura comuns aos três sinópticos, mas cada evangelista tem um objetivo próprio em função da mensagem que transmite (*Cf.* Mt 10, 1. 6-8.), Olhemos agora a perspectiva de Marcos. Quando Jesus foi a Nazaré (*Cf.* Mc 6, 1-6), os seus conterrâneos interrogavam-se, maravilhados, primeiro, e cépticos, depois. Todos o conheciam e aos seus familiares, Donde lhe vinha tal sabedoria e o poder de fazer milagres? Ele era apenas (um) carpinteiro! A incredulidade revela a dificuldade em aceitar encontrar Deus na humildade de um homem, carpinteiro, rejeitado pela sua cidade<sup>17</sup>. Jesus exercia o seu poder de curar de várias formas. A uns, face à multidão de doentes, deixava que lhe tocassem no manto e eles ficavam curados (*Cf.* Mc 6, 53-56.), pois dele emanava um poder terapêutico de tocar no lugar do sintoma: meter os dedos nos ouvidos do surdo-mudo (*Cf.* Mc 7, 31-35.), e tocar-lhe na língua, ou, fazendo lembrar um rito sacramental, tocar nos olhos de um cego (*Cf.* Mc 8, 22-26.), dizendo, ao mesmo tempo, “abre-te”; e a outros, ainda, dizia que só “força da oração”.

---

<sup>16</sup> P. BONNARD, *Evangelio Segú Mateo* (Madrid: Ediciones Cristianidad1983) 84.

<sup>17</sup> Cf. G. BARBAGLIO, - R. FABRIS, - B. MAGGIONI, *Os Evangelhos*, Vol. I (São Paulo: Loyola, 1990) 485-486.

#### 2.1.2.4. *Lucas*

Logo no início de seu ministério, segundo o Evangelho de Lucas, Jesus vai a Nazaré, e, na sinagoga, lê a passagem da Escritura escolhida para esse dia: “ O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres: a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor Jesus (Cf. Lc 4, 18.). Ao comentar o citado texto de Isaías, vai além das subtilezas dos habituais comentários homiléticos dos rabinos e declara que o anúncio profético é já acontecimento, é Boa-Nova que está a ser cumprida<sup>18</sup>. E este cumprimento encontra eco na resposta de Jesus aos discípulos de João Baptista: “João Baptista mandou-nos ter contigo para te perguntar:” És Tu aquele que está para vir, ou devemos esperar outro?” Nessa altura, Jesus curava a muitos das suas doenças, padecimentos e espíritos malignos e concedia vista a muitos cegos. Tomando a palavra, disse aos enviados: “Ide contar a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, a Boa-Nova é anunciada aos pobres”.

#### 2.1.3. A tradição Joanina

João não transcreve “milagres”, nem se preocupa em narrar muitas curas, embora afirme, na conclusão do Evangelho: “Muitos outros sinais miraculosos realizou ainda Jesus, na presença dos seus discípulos, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para acreditardes que Jesus é o Messias, o filho de Deus e, acreditando, terdes a vida nele” (Jo 20, 30-31). Em João não se verifica a preocupação em pôr grandes multidões à volta de Jesus, quando realiza curas. Jesus cura de forma discreta e quase secreta, mas os seus efeitos são eficazes e cirúrgicos.

---

<sup>18</sup> Cf. G. BARBAGLIO, - R. FABRIS, - B.MAGGIONI, *Os Evangelhos*, 59.

## 2.2. A compaixão de Cristo com os enfermos

A compaixão de Cristo para com os enfermos e suas numerosas curas, de toda a espécie, são sinal claro de que “Deus visitou o seu povo” (Lc 7,16) e de que o Reino de Deus está próximo.

Jesus não só ensinou os discípulos a serem companheiros, como também lhes disse quais deviam ser os objectivos especiais da sua compaixão. A parábola do grande banquete, com seus humildes convivas, foi precedida de uma instrução que Ele deu a quando dum banquete: “Quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos” (Lc 14,13). Na parábola pronuncia o juiz final, são punidos aqueles a quem Jesus disse: “Eu estava doente e na prisão e não Me visitastes” (Mt 25,43). Por outro lado, são recompensados aqueles a quem Ele disse: “Eu estava doente e visitastes-Me [...]” (Mt 25,36).

Cristo quis que, na sua Igreja, todos cuidassem dos doentes. O ministério dos doentes é um dever de todo cristão. No entanto, Cristo encarregou numa forma especial os seus Sacerdotes de ungirem os doentes, orando sobre eles, num gesto sacramental, que seria mais corretamente um acto da sua própria solicitude pessoal (cf Tiago 5,14). Como no caso do sacramento da confirmação, a primeira vez que vemos a unção dos doentes na Igreja primitiva é na descrição da Epistola de S. Tiago. A carta é sobretudo uma exortação moral, e é só como parte desta exortação que se faz, menção deste sacramento. Assim: “Está alguém entre vós aflito? Entregue-se à oração. Está alguém contente? Cante louvores” (Tg 5,13). E a seguir: “Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da Igreja, e que estes orem sobre ele, ungiendo-o com óleo no nome do Senhor”. Numa passagem anterior do Evangelho de S. Marcos, lemos: “Eles expulsaram numerosos demónios, ungiam com óleo muitos doentes e os curaram” (Mc 6,13). A oração da fé salvará o doente, e o Senhor o confortará, e se cometeu pecados,

ser-lhe-ão perdoados (Tg 5,14-15) Esta passagem é citada pelo Concílio de Trento, ao declarar que “Esta sagrada unção dos doentes foi instituída por Cristo nosso Senhor como um sacramento do Novo Testamento”<sup>19</sup>.

Frequentemente, Jesus exige dos doentes a fé, serve-se de sinais para curar: saliva e imposição das mãos, lodo e lavagem. Por sua parte os doentes procuram tocar-lhe, porque saía d’Ele uma força que a todos curava (Lc 6,19). Por isso nos sacramentos Cristo continua a tocar-nos para nos curar.

### **2.3. A interpretação da doença a partir da fé**

Apesar de tudo, a Igreja vive uma convicção: o dono da vida é companheiro do homem e nunca o abandona. Jesus de Nazaré revelou-se como libertador e médico de todos. O poder que Jesus manifestou curando os enfermos e pondo em pé os abatidos pelo peso da marginalização, continua activo na sua comunidade que é a Igreja.

Na revelação bíblica, a doença e a morte irremediáveis foram um sério problema, porque não eram compatíveis com a experiência fundamental, o protector de Abrão, Isaac e Jacob. A origem da enfermidade tem de vir doutro lado: deficiência física ou moral do homem; do Altíssimo só vem a cura.

Na revelação neotestamentária, a enfermidade continua sendo um mal reconciliável com Deus que deseja a vida para todos. O pai do filho pródigo não tem sentimento de vingança nem pode querer o sofrimento dos homens; segundo o Evangelho, a doença não é castigo imposto pelos pecados (Jo 9,3). Porém os primeiros cristãos deram um passo em frente: viveram o encontro com o Ressuscitado, e a partir daí confessam que Deus estava em Jesus em seu fracasso e martírio. A enfermidade e dor são enigma também para os cristãos, porém cremos que, apesar de tudo e em todas

---

<sup>19</sup> Cf. Concílio de Trento, 14ª Sessão, 25 de Novembro de 1551, Doutrina sobre o Sacramento da Extrema Unção, Cap. 1 (DS 1995).

as circunstâncias, Deus coopera com o bem (Rom 12, 21), para que pensemos nos outros e assim cumpramos “o que falta às tribulações de Cristo em favor do seu corpo que é a Igreja” (Col 1,24).

A enfermidade em si mesma, como o abandono, e a marginalização, são sempre um mal. Jesus lutou contra esse mal expulsando o demónio e curando a enfermidade: percorria toda a Galileia ensinando nas sinagogas, proclamando a boa nova do reino e curando toda a enfermidade e todas as dores do povo (Cfr. Mc 1, 14 s; Lc 4, 14-15). Jesus realizou estas curas com gestos distintos; a imposição das mãos é frequente mas o perdão dos pecados é decisivo.

#### **2.4. A cura no contexto do Reino de Deus**

No mistério público de Jesus, a continuidade de curar doentes ocupa um lugar de relevo, por vezes mesmo preponderante, acrescentando à autoridade de sua palavra, o sinal visível do seu poder. Durante o seu ministério, Jesus encontra doentes no seu caminho, cujo sofrimento é interpretado quer como consequência do pecado, quer como sinal do poder de satã sobre o homem (Lc 13,16). Os milagres de Jesus, na cura dos doentes, vão aparecer como sinais da irrupção do Reino de Deus na história, curando e libertando o homem do poder de satã, para que o possa seguir na condição de discípulo.

Os milagres de cura são, assim, em certa medida, uma antecipação do estado de perfeição que a humanidade gozará no Reino, mas têm também uma dimensão simbólica relativa ao tempo atual<sup>20</sup>. A doença é símbolo do estado no qual se encontra o homem pecador, espiritualmente, cego, surdo, mudo e paralítico; a cura é também é um símbolo: da desdemonização espiritual e real da sociedade operada por Cristo. Os milagres efetuados por Cristo nomeadamente as cura dos possessos do demónio, para

---

<sup>20</sup> Cf. J. FARIAS, *A Unção dos doentes* (Lisboa: UCE 2011) 35.

além da sua dimensão simbólica, têm um significado profético, enquanto ilustra a vitória de Deus pelo seu Espírito, sobre os espíritos e a tomada de posse sobre todo o domínio da criação sujeita a satã. De igual modo, a cura dos leprosos anuncia o fim da separação entre o que é puro e impuro: Jesus cura os leprosos reintegrando-os na aliança da graça.

As curas não se destinam a inaugurar, mas a levantar sinais da presença do filho do Homem e da proximidade de seu Reino<sup>21</sup>. Ainda que por tal meio Jesus tenha exercido a sua misericórdia e o seu amor para com quem sofria, ainda que tenha revelado por essas curas o seu poder e sua divindade, Ele próprio indicou o sentido de tais intervenções, colocando-as em relação com vinda do Reino de Deus (*Cf.* Mc 4, 11; Mt 4, 23; 9, 35; Lc 9, 11.). As curas e as ressurreições por Ele operadas são o sinal da sua missão messiânica (*Cf.* Mt 11, 4; Lc 4, 18 e seg.), anúncio da vitória final e definitiva sobre toda a espécie do mal. Para além das curas físicas, há a manifestação do poder de Jesus de perdoar os pecados.

O poder de perdoar é somente prerrogativa de Deus e o perdão dos pecados é o dom messiânico por excelência. Reivindicando e exercendo a função de perdoar, Jesus revela a sua autoridade messiânica, tomando a sério a tradição, segundo a qual se dá uma relação entre o pecado e a doença, e é por isso que o perdão do pecado precede a cura da doença. No entanto, no Evangelho de S. João, na narração da cura do cego de nascença (Jo 9, 1-41), o próprio Jesus encarrega-se de corrigir a ideia da universal interdependência entre pecado e doença (Jo 9, 2-3), esclarecendo que nem o cego nem os seus pais pecaram, no sentido em que eles não constituem a causa da cegueira e, portanto, também a cegueira pode ser vivida como situação em que se proclama a glória de Deus, pois os cegos, pelo facto de o serem, não são excluídos da Vida eterna, que

---

<sup>21</sup> Cf. J. FARIAS, *A Unção dos doentes*, 35.

passa pela fé em Cristo, na condição de discípulos, e assim a tônica é colocada, na resposta que Jesus dá, no seu fim: a manifestação da glória de Deus.

Finalmente vêem que, pelo ministério do próprio Jesus, que se identificou com a humanidade doente e pecadora, a doença permanece também, na Igreja e na vida cristã, o sinal desta condição humana, o estado de que Jesus Cristo quis revestir-se para ser Deus conosco. Pelos milagres de Jesus vemos que o sentido da sua missão se traduz em vir ao encontro das pessoas, na sua fraqueza, doença, morte, desorientação ou opressão. As curas, os exorcismos e os milagres de um modo geral, são a expressão física da missão salvadora de Jesus, em contacto com uma humanidade carente de salvação.

## **2.5. A transformação da doença em oração**

O sacramento da Unção convida-nos a superar espiritualmente a doença. Aquilo que se realiza através do sacramento deve ser vivido interiormente por nós. Para nós, isso significa que coloca a doença sob uma oração, melhor ainda, que nós façamos da nossa doença uma oração. O primeiro é pedir a Deus, com insistência, para que me liberte da doença. Ainda quero viver e peço a Deus que me ajude a realizar todos os sonhos da vida. Prometer-lhe-ei orientar a minha vida segundo a sua vontade, viver com mais consciência, com mais delicadeza, atento ao essencial. A oração incluirá também a disponibilidade para que a sua vontade seja feita, e que estamos dispostos a submeter-nos a ela. Assim, por meio da oração, cria-se uma distância interior em relação a nós próprios, entregando-nos a Deus. O terceiro nível de oração consiste em converter a doença em oração. Muitos doentes dizem-nos que não são capazes de rezar. As dores são demasiado intensas, a cabeça parece que fica vazia. Então, a tarefa é transformar a doença em oração.

Ao aceitarmos a enfermidade, entregando-nos a Deus como alguém incapaz dum pensamento razoável, convertemo-nos a nós próprios, com toda a nossa existência, em oração. Já não rezamos perante a nossa doença, mais com ela, nela e através dela. Deste modo, a doença converte-se para nós num caminho para Deus. Conduz-nos mais profundamente ao seu mistério insondável.

## **2.6. A Unção dos Enfermos: encontro com Cristo Senhor da vida**

A unção dos Enfermos é um encontro privilegiado do doente com Cristo, o Médico divino e sacramento primordial de encontro com o Pai. Celebrado liturgicamente pela e na comunidade, em nome do Senhor (*Cf.* Tg 5, 14), o sacramento atualiza aqui e agora da vida do doente o mistério pascal de Cristo<sup>22</sup>, mistério do amor salvador, misericordioso e compassivo de Deus. Jesus torna-se sacramentalmente presente na vida do doente, oferecendo-lhe a sua vida e vida em abundância (*Cf.* Jo 10, 10), que vence a vulnerabilidade e apresenta-se como seu intercessor (*Cf.* Heb 7, 22-25; 8, 1; 9, 15; Rm 8, 34), junto do Pai. O doente é, desta forma, fortalecido na fé e na esperança pela graça do Espírito Santo para que viva o tempo da enfermidade unido ao Crucificado, o Senhor da vida. “O homem gravemente doente, com efeito, necessita de uma peculiar graça de Deus Para que não perca o ânimo na aflição nem, pela força das tentações, venha a fraquejar na Fé. É por isso que Cristo concede aos seus fiéis o sacramento da Unção, como defesa poderosíssima”<sup>23</sup>.

A doença, por conseguinte, não é sentida e vivida como um castigo, mas como uma limitação ou fragilidade própria à condição humana, contra a qual o doente é convidado a lutar, vivendo-a em união com o Senhor e, por isso, por Ele fortalecido. A saúde aparece, então, como um bem a alcançar<sup>24</sup>, para que o doente possa retomar a sua vida, as suas ocupações<sup>25</sup>.

---

<sup>22</sup> C. ROCHETTA, *Os sacramentos de la fé* I (Salamanca: Ed. Secretariado do Apostolado 2002) 234-235.

<sup>23</sup> Ritual da Unção dos Enfermos, nº 5.

<sup>24</sup> «Concedei vida e saúde àqueles a quem, em vosso nome, impomos as mãos» (Ritual da Unção dos Enfermos, nº 73, última prece da ladainha).

<sup>25</sup> Na oração que se segue no Rito da Unção, nº 77, pede-se a Cristo que, pela graça do Espírito Santo, restabeleça a saúde interior do doente para que «retome as suas anteriores ocupações».

Jesus, pela sua graça do Espírito Santo e através do gesto sacramental e da oração da Igreja, torna-se presente também hoje no doente. Como companheiro de viagem, partilha a sua existência, ilumina-a e enche-a de sentido, convidando o doente a viver de forma digna o tempo do sofrimento. A pastoral da saúde deve, por isso, empenhar-se em promover uma espiritualidade saudável, ajudando os doentes a abandonar formas patológicas de compreender e viver e fé. Na verdade, Jesus está presente no desejo que o doente tem de cura; está presente na sua luta pela saúde. Jesus é consolação na angústia, força na insegurança, paciência e fortaleza na dor. Jesus é ainda confiança e esperança no declínio e na morte, abrindo ao doente as portas da misericórdia, do amor e da vida plena no seio do Pai.

O sacramento da Unção proclama e celebra este encontro sanador do doente com o Crucificado. A cura, que o sacramento realiza, não é uma simples restituição do equilíbrio biológico anterior à enfermidade, nem um regresso à existência anterior, mas é vida nova aberta à plenitude e plasmada em Deus. Um doente que passa por uma profunda experiência de sofrimento, se ao longo dessa experiência se encontrou com Cristo, já não é o mesmo:

“Jesus é também um modelo para o doente, no enfrentamento do sofrimento. É um modelo, não tanto pelo aspecto cruento e doloroso do sofrimento da cruz, mas sobretudo por ter enfrentado e vivido a rejeição, o sofrimento e a morte numa indestrutível e insondável confiança no Pai, fazendo, ao mesmo tempo, da vida dom de salvação por todos os homens. Neste sentido, viver o sofrimento em união com a Paixão de Cristo” (LG 11; ver também *Cfr.* Rm 8, 17; Col 1, 24; 1Ped 4, 13.).

### 2.6.1. Amar até a morte

A imposição das mãos, prevista no rito da Unção, é a imagem de que Deus nos protege com a sua mão e nos ampara no nosso estado de doente. Não podemos compreender a nossa enfermidade. Sofremos por causa dela. Contudo, sabemos que nos encontramos sob a proteção de Deus. Na doença experimentamos de forma física, que a mão de Deus nos toca, nos desperta para si e nos estreita nos seus braços.

A Unção com óleo significa que o amor salvífico de Deus impregna as nossas feridas. Quando as dores se tornam demasiados fortes, podemos imaginar que o amor de Deus nos penetra e alivia. O amor de Deus pode curar a nossa enfermidade. Mas isso não significa que ficaremos livres de todos os sintomas. Talvez a cura se realize apenas na nossa alma. Em todo caso, viveremos a nossa doença de modo diferente se a apresentarmos, constantemente, ao amor terno de Deus, imaginando que é o próprio Cristo quem nos unge com óleo suave do seu amor. Quem experimenta as dores unicamente como algo de adverso pode ficar perturbado. Tornar-se amargo e duro. Mas o óleo tem algo de suave na sua natureza. O azeite de oliveira deixa um sabor agradável na boca. Desta forma, a doença adquire um sabor distinto, se nos deixarmos impregnar pelo amor de Deus.

O azeite de oliveira para a Unção dos enfermos é benzido pelo Bispo durante a semana Santa. O sacramento da Unção dos doentes faz-nos participar no mistério da morte e Ressureição de Jesus. Ensina-nos a seguir o caminho de Jesus até à cruz. Jesus transformou a sua morte cruel na cruz na expressão máxima do seu amor. O evangelho de São João anuncia-nos que Jesus nos amou na cruz até ao fim, e até a consumação (Jo 13,1). O sacramento dos doentes é um convite a considerar a doença como um ato de entrega, como participação na paixão de Jesus.

Aquele que aceita a sua enfermidade e a sofre pelos irmãos transforma-a numa fonte de bênção. Realiza o que São Paulo escreveu na carta aos Colossenses: “completo na minha carne o que falta as atribuições de Cristo pelo seu corpo que é a Igreja” (Col 1, 24). A pessoa idosa exprime-se frequentemente assim: “ofereço o meu sofrimento pelos meus filhos e pela minha família”. Hoje em dia custa-nos a compreender esta forma de pensar ou seja, oferecer a doença pelos outros. Contudo apercebemo-nos de que, nestas pessoas idosas, esta atitude as ajuda a aceitar a enfermidade. Só assim vêm o sentido na sua doença. Não se sentem inúteis. Podem fazer algo pelos outros mesmo na doença, sobretudo pelos filhos e pelos netos. Mesmo quando sofrem por causa das dores, das limitações e dos impedimentos da sua vida, são capazes de transformar a dureza de uma situação, num gesto de amor. Expressaria esta oferta do sofrimento de outra forma: gostaria de nos reconciliar com a nossa doença e vivê-la em solidariedade com as pessoas que nos rodeiam. Não gostaríamos de viver a nossa doença de forma passiva, ma transformá-la num acto de entrega. Se conseguirmos isso, será a maior transformação que podemos experimentar na nossa vida, pois o Espírito de Jesus transformou o nosso Coração.

Devemos confiar que Deus cura a nossa enfermidade. Mas quando notamos que o fim se aproxima, e o médico o confirma com o seu diagnóstico, não tem qualquer sentido garrarmo-nos desesperadamente à vida. Nesta situação, a Unção dos doentes é, ao mesmo tempo, um aprender a morrer. Então estaremos para sempre com Ele, na meta dos nossos desejos. Então abrir-se-ão os nossos olhos e veremos a Deus tal como é. Então cumprir-se-á o que S. Paulo diz aos cristãos de Corinto: “o que os olhos não viram, o que os ouvidos não ouviram, o que o coração do homem não pressentiu, isso Deus preparou para aqueles que o amam”(1Cor. 2,9).

A questão da doença na Sagrada Escritura deve compreender-se à luz da relação do homem com Deus. As tradições mais antigas interpretam a doença como consequência do pecado, ou quase, no sentido de um automatismo ou como pena infringida por Deus justo: «A ti, Senhor, pertence a bondade, pois Tu recompensa cada um segundo as suas obras» (Sl 62, 13).

## Conclusão

A questão da doença na Sagrada Escritura é abordada por S. Tiago. Para este Apóstolo, a unção é um acto Sacramental cujos beneficiários são os enfermos com ou sem gravidade incluindo a velhice nas comunidades cristãs. Acção que reflecte o carisma que dá continuidade da Igreja ao longo dos tempos primitivos, assistindo os mais necessitados seguindo o modelo de Jesus, o Médico das almas.

### **Capítulo III - O Sacramento da Unção dos Doentes: o conforto do cristão que sofre**

Para desenvolver o nosso raciocínio, faremos apenas dois enfoques maiores. No primeiro trata-se da enfermidade e da acção do sacramento dos enfermos. E no segundo abordagem ter a eficácia do sacramento que vem ao socorro do cristão, quando se encontra na debilidade da enfermidade, sacramento que, até mesmo diante da morte, funciona como uma proclamação pascal da vida.

#### **3.1. A enfermidade e a acção do sacramento dos enfermos**

Ao contrapor a enfermidade e acção do Sacramento da Unção dos Enfermos, deparamo-nos com um dos mais graves problemas antropológicos e a resposta divina mais condizente e sublime. Esta sublimidade se dá bem longe de qualquer acção mágica, pois na perspectiva sacramental, a enfermidade se torna uma rica aprendizagem e amadurecimento, tanto na possibilidade da cura quanto da morte. Então primeiramente falaremos de forma geral como e porque se dá esta aprendizagem que amadurece o cristão do ponto de vista pascal, e depois, analisaremos como isso se reflete tanto nas situações onde a cura se manifesta como naquelas em que a morte se torna uma realidade inadiável<sup>26</sup>.

As dores e a enfermidade sempre foram consideradas como os maiores problemas que afligem a vida dos homens. O sofrimento e a enfermidade, em sua dinâmica própria, levariam à destruição do homem, se a fé em Cristo não abraisse a possibilidade de amadurecimento e a realização integral como meio de Salvação. O enfermo que assim crê vive a enfermidade como uma verdadeira passagem pascal que liberta e salva. Por isso, para o cristão, a enfermidade é tempo de autenticar as relações

---

<sup>26</sup> Cf. D. BOROBIO, “A unção dos enfermos”, in D. BOROBIO (Org.), *A celebração na Igreja*. Vol. II (São Paulo: Loyola 1990) 575-576.

consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Consigo mesmo, porque a enfermidade é também escola de aprendizagem do limite do ser humano, aderindo a consciência à verdade do mistério pascal.

A enfermidade afeta o corpo com um todo, compreendendo uma experiência de graça. Afeta a vida na sua totalidade (corpóreo-espiritual, individual-social), levando a pessoa à experiência de uma sensação de limitação e finitude, fragilidade e contingência, dependência e necessidade dos outros, impedindo que ele aja livremente, como estávamos acostumados: «Com efeito, antes de advir a doença, o homem tinha certo conhecimento confuso de si mesmo enquanto ser finito. O estado patológico lhe revela a finitude no próprio cerne de uma experiência dramática que o envolve por completo»<sup>27</sup>. Este estudo alerta para a relação do indivíduo consigo mesmo, com os outros e com Deus. A situação o leva a questionar sobre qual será o seu destino, qual o sentido de sua doença e qual a verdade de Deus. O doente vê-se como que numa encruzilhada: «E daí também que o doente se veja a tomar uma decisão, adotar uma postura, ou de aceitação de sua doença e seu destino (= em seu caso vontade de Deus), ou de desespero, resignação passiva ou rebelião contra o futuro inaceitável»<sup>28</sup>.

A enfermidade pode ser também um momento interpelante, redutor dos outros que participam vivendo junto com o doente a sua dor. E nela podem se sentir chamados, convertidos, cheios de esperança, abalados e remidos. O testemunho do doente pode colocar em crise os outros e conduzi-los à conversão e à fé. A partir da união a Cristo percebemos que existe uma geografia espiritual na qual os homens se comunicam para além do visível, numa solidariedade redutora que completa o que falta à Paixão de Cristo, contribuindo de forma misteriosa para Salvação de todos.

---

<sup>27</sup>C. ORTEMANN, *A força dos que sofrem* (Petrópolis: Vozes, 1968)111.

<sup>28</sup>D. BOROPIO, *A unção dos enfermos*, 576.

Contudo, é possível levar em conta ainda o modo como o doente se vê na sua doença. Por isso é necessário maior aprofundamento teológico, para penetrar a fundo nos significados, propostos pela fé, “a fim de que o crente possa receber a coerência das afirmações da fé com a condição vivida e possa experimentá-los no próprio âmago do que ele vive”<sup>29</sup>. Os que professam a fé cristã, padecendo e experimentando o sofrimento, são ajudados, pela luz da mesma fé, a compadecer de modo mais profundo o mistério da dor, e suportá-la com mais coragem. Conhecem pela palavra do Cristo o sentido da doença, tanto para a sua salvação como para a salvação do mundo.

Desde sempre, o homem teve dificuldade em assimilar e assumir o que a enfermidade pressupõe, e buscou explicações. A Sagrada Escritura fala-nos da doença, mas da perspectiva mais geral do mistério do sofrimento. A partir do Antigo Testamento, começa-se a elaborar respostas para a questão humana, nunca de um ponto de vista científico, mas sempre da ótica da relação com a aliança, isto é, de uma ótica religiosa<sup>30</sup>. Quase nunca, a doença é considerada um castigo pelos próprios pecados.

### **3.2. Teologia da Unção a partir do Rito**

Feita esta relação entre a enfermidade e a ação do sacramento da Unção dos Enfermos, agora aqui na segunda parte deste capítulo, vamos trabalhar a teologia da Unção a partir do seu rito litúrgico, sobretudo do seu núcleo, que é a Unção com óleo. Antes, porém, teceremos algumas considerações acerca da sacramentalidade deste Rito litúrgico, considerado um dos sete sacramentos da Nova Aliança. Olhando os elementos históricos-teológicos, podemos afirmar que os dados da Tradição apresentam a Unção dos Enfermos como o sacramento que comunica uma graça do Espírito Santo, tendo

---

<sup>29</sup> D. BOROBIO, *A unção dos enfermos*, 106.

<sup>30</sup> Cf. R. RUSSO, *Unção dos enfermos* (Prior-o-Velho: Paulinas 2001) 240.

como efeito sacramental garantir, além da comunhão com Deus e o próximo, sustento e o fortalecimento daquele que se encontra fragilizado pela doença ou velhice<sup>31</sup>:

Justifica a cura quando ela advém como uma situação nova, onde o indivíduo deverá, enriquecido pela experiência da fé que o patológico provoca, viver a comunhão com Deus e com a comunidade humana. (...) Realiza também, eventualmente, o perdão dos pecados, na medida em que esses rompem a comunhão com Deus e com os outros. Comunhão que a Unção tem como finalidade consolidar, na medida também ou que é impressível ao doente receber o sacramento da reconciliação antes da Unção<sup>32</sup>.

Unção dos Enfermos só é sacramento porque tem sua origem em Cristo e se torna um sinal sacramental pelas seguintes razões:

1. Primeira missão: “expulsavam muitos demónios, e curavam muitos enfermos, ungiendo-os com óleo” (Mt6,13) e mandato pós-pascal de Cristo (Mc 16,17-18).
2. A segunda missão: tem a ver com a continuação desta missão na comunidade apostólica (Tg 5, 13-16) numa concretização explicativa em nome de Cristo.
3. Terceira missão: configuração histórica deste ministério, numa necessária e permanente explicitação eclesial sacramental, em coerência com as fontes de referência (Tradição, Magistério, Celebração).
4. Quarta missão: necessidade antropológica de uma proclamação sacramental de graça eficaz-simbólica, a partir da experiência de graça na situação de enfermidade<sup>33</sup>.

São várias as figuras no Antigo testamento que anunciam a vinda do servo de Javé, através de muitos sofrimentos, lutando contra o reino de Satanás e entregando sua própria vida (Cf. Is 11, 1-10; 35, 1-6; 61, 1-2; 41, 1-4; 53, 10-11.).

Cristo é o Messias que vem cumprir as profecias, salvar e libertar os homens. O maior milagre de Jesus não são as curas, mas o amor que inverte o sentido da doença<sup>34</sup>. Assim o papel da Igreja é levar avante a missão que lhe foi dada por Cristo, ajudando-o a mitigar o sofrimento dos homens. O enfermo que crê na força de Cristo vivencia a sua enfermidade como uma passagem pascal que o salva. Caso recupere a sua saúde, a cura assume o papel de uma nova vida. Olhará o mundo com outros olhos. É como se fosse

---

<sup>31</sup> Cf. C. ORTEMANN, *A força dos que sofrem*, 106.

<sup>32</sup> Cf. C. ORTEMANN, *A força dos que sofrem*, 106.

<sup>33</sup> Cf. C. ORTEMANN, *A força dos que sofrem*, 106.

<sup>34</sup> Cf. C. ORTEMANN, *A força dos que sofrem*, 579.

uma ressurreição<sup>35</sup>. Além da Salvação e do fortalecimento, a Unção tem outro efeito: o perdão dos pecados. Este efeito é apontado como eventual e não permanente, mas fundamental, o que demonstra que não são apenas os pecadores que podem receber este sacramento<sup>36</sup>. A Unção também apaga as sequelas do pecado, designadas pela debilidade espiritual provocada pelo pecado atual e original. E, ainda quando ficar curando, suas palavras servindo de apoio ao trabalho da Igreja.

O sacramento da Unção dos Enfermos contém a ação de Deus e de sua misericórdia por meio da criatura sensível, o óleo, transformando em sinal eficaz por sua bênção, aplicado pelo ministro ao cristão enfermo, que é o sujeito protagonista do sacramento. A ação de Deus consiste no dom do Espírito Santo, que concede a libertação do pecado, salvação e o consolo (alívio) natural e espiritual<sup>37</sup>. Na introdução, o ritual afirma que este sacramento confere ao enfermo a graça do Espírito Santo, que é sacramentalmente sincretizada de forma especial com a Unção com óleo. Eis porque o núcleo da liturgia da Unção dos Enfermo é a Unção com o óleo bento. Este dado é tão importante para teologia litúrgica, que faremos uma análise, embora que sucinta, deste núcleo.

### 3.2.1. Óleo é um elemento essencial do sacramento

Em relação ao aspeto da cura, o óleo vegetal ou azeite está muito presente na vida das pessoas, muitas vezes sem que elas percebam; é usado pelos atletas, é aplicado em feridas, dá brilho e beleza, encontra-se nos alimentos, produz agilidade, realça a beleza, e é medicinal<sup>38</sup>. O óleo ou azeite é fruto da oliveira. Era também usado para louvar a Deus, pois o derramavam sobre as oferendas a Ele apresentado (Lv. 2, 1-6). Era

---

<sup>35</sup> C. ORTEMANN, *A força dos que sofrem* 119.

<sup>36</sup> Cf. D. BOROBIO, *A unção dos enfermos*, 77.

<sup>37</sup> Cf. R. RUSSO, *Unção dos enfermos*, 258.

<sup>38</sup> Cf. A. BECKHAUSER, *Os sacramentos na vida diária* (São Paulo: Paulinas, 1998) 151.

utilizado (ainda hoje) como alimento. Os antigos usavam nas recepções e nos banquetes (Ex 30,22-23; Lc 7,46); misturavam-no com perfumes e assim ungiam o corpo.

O óleo devia ser oferecido principalmente a Deus como primícia (isto é, os primeiros frutos da terra), em sinal de gratidão pelos favores recebidos do Céu: “todo o melhor do azeite, todo o melhor do vinho novo e do trigo, estas primícias que oferecem a Iahwh, dou-a a ti” (Num 18,12). Quando alguém, em Israel fosse escolhido para ser Rei, sacerdote ou profeta, recebia a Unção, isto é, derramava-se o óleo em sua cabeça como sinal de escolha. É o que podemos ver na escolha do Rei Saul (1Sam 10,1) ou David (1Sam,16).

Na Unção, o óleo significa, sobretudo, o dom do Espírito Santo para que o doente, em situação especial, receba a força do alto e para que, também na condição de doente quando as forças físicas estão debilitadas, possa dar testemunho de Cristo nesta situação consiga unir-se ao mistério da Paixão de Cristo<sup>39</sup>.

Assim, tudo o que se diz do óleo na sua bênção diz-se de fato do sacramento da Unção. A oração de bênção na quinta – feira Santa, usada também quando é feita a bênção do óleo durante a celebração, fala que o Pai, pelo seu Filho, quer curar os males dos enfermos, pede que o Pai envie o Espírito Santo sobre o óleo, para alívio do corpo, e seja para todos, que com ele forem ungidos, proteção do corpo, da alma e do Espírito, libertando-os de toda a dor, toda a fraqueza e enfermidade<sup>40</sup>.

Na realidade, o óleo é sinal da realização (simbólica) terapêutica do sacramento. O sacramento dá a cura, o sentido de uma situação nova, oferecendo à liberdade divinizada uma tarefa cristã a realizar, segundo o significado conferido à vida durante a enfermidade, indica a cura como uma possibilidade de testemunho em favor da Igreja do mundo.

---

<sup>39</sup> Cf. A. BECKHAUSER, *Os sacramentos na vida diária*, 152.

<sup>40</sup> A. BECKHAUSER, *Os sacramentos na vida diária*, 152.

### 3.2.2. A bênção do óleo.

O óleo é abençoado pelo Bispo na missa da Quinta-feira Santa, devendo-se guardá-lo em local e recipiente especiais, além do que deve receber outros cuidados, conforme depreendemos no texto a seguir:

O Pároco deverá fornecer-se do óleo novo, a tempo, sendo possível de o utilizar na bênção da pia batismal no sábado santo. Só em caso de necessidade urgente pode empregar o óleo velho. O óleo velho embebê-lo-á em algodão, para ser queimado. As cinzas serão deitadas na piscina. Se o óleo benzido vier a diminuir, ajuntar-lhe-á, mesmo repetidas vezes, óleo de oliveira não benzido, contudo que cada vez o óleo ajuntando seja em menos quantidade do que o óleo existente. Guardará o óleo numa âmbula de prata ou de estanho na Igreja, num lugar limpo decentemente ornado, e fechado à chave, por exemplo, num armário colado na parede lateral da Igreja, junto ao altar-mor, do lado do Evangelho ou da Epístola (D. 1960). Só o poderá conservar em casa por necessidade ou outra caixa razoável, com a licença do Ordinário<sup>41</sup>.

A oração da bênção do óleo focaliza como eixo a ação do Espírito Santo para conceder a graça da cura sacramental.

Ó Deus, Pai de toda consolação, que pelo vosso filho quisestes curar os males dos enfermos, atendei à oração de nossa fé: enviai do céu o vosso Espírito Santo Paráclito sobre este óleo generoso, que por vossa bondade a oliveira nos fornece pra alívio do corpo, a fim de que pela vossa santa bênção seja pera todos os que com ele forem unguídos a proteção do corpo, da alma e do espírito, libertando-os de toda a dor, toda fraqueza e enfermidade e dignai-vos abençoar para nós, ó Pai, o vosso óleo santo, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. Que convosco vive e reina para Sempre<sup>42</sup>.

A oração tem uma estrutura trinitária, cujo centro é a epiclese: a invocação do Espírito Santo. A estrutura aparece do seguinte modo: Deus Pai, a quem é dirigida a oração para enviar o Espírito Santo; o Paráclito que é invocado sobre o óleo; e o Filho de Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, por cuja mediação a oração é dirigida ao Pai e o

---

<sup>41</sup> A. COELHO, *Curso de liturgia romana*. Tomo I – liturgia fundamental – liturgia laudativa – liturgia sacramental, 579.

<sup>42</sup> A. COELHO, *Curso de liturgia romana*, 579.

Espírito é enviado<sup>43</sup>. Na oração, recorda-se que Deus desejou curar as doenças dos enfermos por meio de seu Filho Jesus Cristo. No fundo esta é a temática do Servo sofredor, que aparece de forma explícita neste texto Evangélico: «Ao entardecer, trouxeram-lhes muitos endemoninhados e ele, com uma palavra, expulsou os espíritos e curou todos os que estavam enfermos, a fim de cumprir o que foi dito pelo profeta Isaiás: levou as nossas enfermidades e carregou as nossas doenças» (Mt 8, 16-17).

### 3.2.3. A fórmula da Unção

A nova fórmula sacramental substitui a do Ritual Romano de 1614, que aparece pela primeira vez no Pontifical Romano do séc. XIII. A mudança foi motivada porque a antiga não exprimia suficientemente a graça do sacramento e acentuava apenas um de seus efeitos, o perdão dos pecados<sup>44</sup>. Eis a nova fórmula: «Por esta Santa Unção e pela sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo, para que, liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na sua bondade, alivie os teus sofrimentos».

### 3.3. A Dimensão eclesial do Sacramento

A morte redentora de Cristo continua sacramentalmente presente no mundo por meio da Igreja. Daí brota o significado eclesial da união, especialmente expressa no carácter comunitário da celebração. A celebração do sacramento da Unção dos Doentes exprime a solicitude maternal da Igreja para com os seus filhos enfermos<sup>45</sup>.

A Unção dos Doentes está inserida no quadro da pastoral dos enfermos, cuja característica eclesial é confirmada: é a Igreja inteira, na obediência a Cristo, que deve

---

<sup>43</sup> Cf. R. RUSSO, *Unção dos enfermos*, 255.

<sup>44</sup> Cf. C. RUSSO, *Unção dos enfermos*, 258.

<sup>45</sup> Cf. R. RUSSO, *Unção dos enfermos*, 258.

ser movida pela solicitude para com os enfermos, que não podem ser salvos pelo cuidado e pelo zelo exclusivamente dos presbíteros, mas de toda a comunidade cristã<sup>46</sup>:

Convém, portanto, que todos os batizados participem desse mistério de mútua caridade no corpo de Cristo, tanto na luta contra a doença e no amor aos enfermos como na celebração do sacramento dos doentes. Estes sacramentos, como todos os outros, têm na realidade um carácter comunitário, que deve manifestar-se o mas possível quando são celebrados. Terão parte especial neste ministério de consolação as pessoas da família e de todos aqueles que de qualquer modo se ocupam dos doentes<sup>47</sup>.

Por conseguinte, é tarefa e missão de todo o povo de Deus tornar visível hoje a solicitude de Cristo para com os enfermos. Fazendo isto, equivale a viver em obediência ao mandamento de Cristo, “... imporão as mãos sobre os enfermos, e eles ficarão curados” (Mc 16,18). Transformando-se em autêntica profecia, à medida que se reage, também nesse caso, ao processo de privatizações que hoje ameaça todo o zelo pastoral junto dos doentes e dos idosos<sup>48</sup>.

Assim como Cristo lutou contra a enfermidade e suas causas (poder do mal, pecado), da mesma forma a Igreja está obrigada a levar por diante esta luta, de modo que desapareçam as causas pecaminosas que em muitos casos produzem a enfermidade (abusos de liberdade, injustiças, alimentação deficiente, escassa assistência médica, desordens morais, patologias ambientais, guerras...), e que se implementem os meios necessários para a cura daqueles que por causas naturais estão doentes.

---

<sup>46</sup> Cf. R. RUSSO, *Unção dos enfermos*, 260.

<sup>47</sup> G. COLOMBO, *Unção dos enfermos*, in *Dicionário de Liturgia* (São Paulo: Paulinas 1992<sup>2</sup>) 1029.

<sup>48</sup> Cf. H. SCICOLONE, *Teologia e história da celebração*, in *Anamnesis* 4, 1982, 258.

### 3.4. A nova maneira de compreender o Sacramento dos Doentes

O concílio de Trento já assinalava a vontade de se distanciar da doutrina da teologia medieval e a recusa de ver na extrema-unção apenas o sacramento dos que vão morrer. O Vaticano II deu um passo adiante: sem descartar o termo «extrema-unção», afirmou que deveria ser chamado de preferência “Unção dos Enfermos” (SC 73). Por duas vezes sugeriu que não se tratava somente de uma questão de vocabulário: “Tempo oportuno para receber a Unção dos Enfermos é certamente o momento em que o fiel começa a correr perigo de morte, por doença ou idade avançada” (SC 73).

O novo ritual da Unção dos Enfermos foi aprovado em 30 de Novembro de 1972 e promulgado a 7 de Dezembro de 1974<sup>49</sup>.

Em sua fórmula sacramental totalmente reformulada, bem como nas outras orações, realça a importância da graça do Espírito Santo como efeito principal que atinge o homem<sup>50</sup>. Assim, pode-se dizer que a ação do Espírito Santo está razoavelmente explícita na nova liturgia da Unção dos Enfermos<sup>51</sup>. Porém, deve-se ressaltar que a cura dos enfermos como um dom ordinário do Espírito Santo, como resulta dos textos do Novo Testamento, ao menos para a Igreja apostólica, está ainda longe de ser uma convicção comum dos debates teológicos. Pode-se perceber a intervenção do Espírito Santo na nova liturgia pela imposição das mãos, que é situada antes da Unção, no momento central do sacramento, e já não é acompanhada pela fórmula de exorcismo que existia no antigo ritual. Agora ela é feita totalmente em silêncio<sup>52</sup>.

---

<sup>49</sup> Cf. G. COLOMBO, *Unção dos enfermos*, 1209.

<sup>50</sup> Cf. G. COLOMBO, *Unção dos enfermos*, 1209.

<sup>51</sup> Cf. M. J. FRANCISCO, *O Espírito Santo e a unção dos enfermos segundo o novo ritual*, in *Liturgia e Vida*. Ano XXVI, nº 153 (Julho/Agosto, 1979) 6.

<sup>52</sup> Cf. A. MARTIMORT, *A Igreja em oração*, 123.

Entretanto, o povo simples, apesar da falta de uma visão teológica que o ilumine e de uma prática pastoral que lhe ofereça o que ele crê que Jesus e os Apóstolos ofereceram aos doentes de seu tempo, nunca deixou de procurar a cura de suas doenças na área litúrgica, com promessas, peregrinações a santuários e recursos a santos, buscando bênção e proteção<sup>53</sup>. Seguir Jesus não dispensa nem do sofrer, nem do morrer. Pelo contrário, na medida em que o crente é fiel ao Senhor, ele será entregue ao mundo hostil, mas na certeza de que o amor é mais forte do que a morte, uma vez que Jesus foi, por Deus, liberto do sofrimento e da morte.

### Conclusão

Que todos os agentes da pastoral se sintam envolvidos nesta dinâmica, de tal modo que através da sua acção se torne presente o Senhor glorificado com o seu conforto, que chegará sempre através de seu corpo e dos gestos do seu corpo que é a Igreja, visto que a doença e o sofrimento são também um dom e uma graça.

---

<sup>53</sup> Cf. A. MARTIMORT, *A Igreja em oração*, 8.

## Capítulo IV – Proposta para o acompanhamento pastoral do doente

O agente de Pastoral não pode aproveitar da sua situação para exercer domínio, intimidar ou forçar o doente a submeter-se aos seus objectivos, ideias, crenças ou rituais. Ele é como primeira e principal forma de respeito pelo doente, deve tornar-se competente no saber para poder fazer bem o acompanhamento pastoral. Ao estudar para saber, o agente de pastoral deve desenvolver, ao mesmo tempo, a capacidade de saber ser e estar de um modo novo e interessado junto do outro.

### 4.1. A Unção dos Doentes na vida Pastoral

Na vida de Santo Eugénio, Bispo da Irlanda por volta do Sec. V, lê-se que, estando ele perto do fim da vida e tendo reunido a sua comunidade de monges, recebeu a viático e o seu corpo foi ungido com óleo. Depois, todos os monges permaneceram em oração com seu Bispo até ao fim da tarde e este, sentindo que se aproximava a partida, despediu-se e partiu<sup>54</sup>.

O Bispo Cesário d'Arles (470/71-543), criticando nos seus sermões 13<sup>55</sup>, 19<sup>56</sup>, 52<sup>57</sup> e 184<sup>58</sup> condutas supersticiosas e mágicas pagãs a que alguns cristãos enfermos recorriam, exorta os doentes a serem ungidos com óleo para receberem o perdão dos pecados e a saúde corporal e, seguidamente, receberam o Corpo e o Sangue de Cristo. A Unção, associada à comunhão Eucarística, é apresentada como a medicina cristã e

---

<sup>54</sup> Cf. Acta Santórum Bolli, in «Super Epistolas católicas expositio»: PG 4, 627.

<sup>55</sup> «Quando surgir alguma doença, o doente deve receber o corpo e sangue de Cristo, e o óleo benzido pedindo humildade» (CAESARIUM ARELATENSIS, Sermo XIII, 3: CCSL 103, 66).

<sup>56</sup> Cf. CAESARIUM ARELATENSIS, Sermo XIX, 5 (CCSL 103, 90) «sempre que apareça alguma doença a algum de vós recorra à Igreja, receba o corpo e sangue de Cristo e ungido pelos presbíteros com óleo benzido».

<sup>57</sup> Cf. CAESARIUM ARELATENSIS, Sermo LII, 5 (CCSL 103, 232) «quando os filhos de certas mulheres são incomodados por diversas tentações ou doenças» é que não procuravam remédio justo, a Igreja.

<sup>58</sup> Cf. CAESARIUM ARELATENSIS, Sermo CLXXXIV, 5 (CCSL 104, 750): «as mulheres costumam convencer-se umas às outras de que quando seus filhos adoecem devem orar com a fé católica».

sobrenatural, devendo todo o crente que sofresse de qualquer tipo de enfermidade recorrer ao seu uso.

Beda, o venerável (672-735), ao comentar Tiago 5,14-15, fala da Unção dos Enfermos como um costume da Igreja<sup>59</sup>, no contexto da enfermidade, estando fora de questão ser usada como preparação para morte. O óleo consagrado pelo Bispo podia ser usado pelos fiéis ou pelos presbíteros. Beda olha a enfermidade sob o ponto de vista corporal. A Unção, pelos seus efeitos espirituais e corporais, responde à cura do corpo e à saúde da alma. No entanto, o enfermo devia confessar os pecados aos presbíteros para que fossem perdoados<sup>60</sup>.

O sacramento da penitência aparece, desta forma, claramente unido à Unção, associação esta que começa a impor-se. Beda, ao olhar a enfermidade sob o ponto de vista moral e corporal e ao associar a penitência à Unção, parece ter subjacente a ligação entre enfermidade e pecado. Jesus, como se pode verificar no Evangelho de João (Cf. Jo 9, 3), recusou essa associação estigmatizante. Beda defende que pode haver alguma falta anterior na origem da enfermidade: «Muitos, devido a pecados internos, são afectados em seus corpos pela enfermidade ou mesmo a morte»<sup>61</sup>. Argumentando com uma citação de Paulo em 1Cor 11,30: «Por isso, há entre vós muitos enfermos e débeis, e morrem muitos». Esta posição de Beda, que surge também na fórmula visigótica de bênção do óleo, é relevante sob o ponto de vista negativo, pois reintroduz o princípio vetero-testamentário da «retribuição». Segundo esse princípio, conforme constata Beda, a enfermidade tem como causa o pecado, e só os doentes são considerados pecadores. E, por consequência, marginalizados. Não se verificou, na Igreja, uma marginalização dos

---

<sup>59</sup> BADAЕ, Venerabili, *Expositio super Jacobi epist. C. V* (PL93, Col 39): «o costume atual da Igreja que os enfermos sejam ungidos pelos presbíteros com óleo consagrado nas suas doenças e necessidades».

<sup>60</sup> BADAЕ, Venerabili, *Expositio super Jacobi epist. C. V* (PL93, Col 39) «se os doentes cometem pecados e se os confessarem aos presbíteros da Igreja, e se corrigirem, ser-lhes-ão perdoados».

<sup>61</sup> Cf. BADAЕ, Venerabilis, *C. V* (PL 93, Col 39).

doentes, como acontecia no judaísmo do tempo de Jesus, mas a confissão transformou-se numa preocupação pastoral e uma obrigação do crente como requisito necessário à celebração da Unção<sup>62</sup>.

## **4.2. Orientações da Igreja**

### **4.2.1. Renovação na pastoral dos doentes**

As grandes transformações culturais, sociológicas, psicológicas têm criado o paradigma da mudança nas metodologias de matriz pastoral, do sacramento da unção, de modo que a Igreja responda aos desafios que lhe são inerentes, em atenção aos sinais dos tempos (GS 4). Se o ministério pastoral segue a missão da Igreja, a questão teológica a salientar para enfrentar os desafios pastorais está precisamente em identificar o papel da Igreja no universo dos doentes.

Ao nível universal da Igreja, há uma evolução decisiva quanto à implementação do novo dinamismo na pastoral como presença de Cristo junto dos doentes<sup>63</sup>. Portanto uma consciência crescente de que o doente é um irmão especialmente querido. Passou-se da pastoral dos enfermos para a pastoral da saúde, no sentido de apoiar espiritualmente o doente, a partir do acompanhamento personalizado<sup>64</sup>. Neste contexto, ao prosseguirmos com este processo de renovação pastoral, damo-nos conta de que a relação de ajuda espiritual e religiosa por parte do assistente espiritual, capelão ou mesmo outro técnico, nos cuidados primários de saúde, passou a ser também a de um educador e companheiro, nos momentos de sofrimento, fazendo com que o fortalecimento da esperança seja um estímulo para uma melhor qualidade de vida e de

---

<sup>62</sup> Cf. BADAÉ, Venerabilis, C. V (PL 93, Col 39).

<sup>63</sup> Cf. J. OLIVEIRA, *A palavra de Deus na vida e na Missão de Igreja*, in *Brotéria*, n 5, vol. 167 (2008) 361.

<sup>64</sup> Cf. COMISSÃO NACIONAL DA PASTORAL DA SAÚDE, *Política da saúde e solidariedade cristã*, in *Actas do XIV encontro da pastoral da saúde* (Fátima, 1999-2000) 131.

identificação com a sua situação. Olhando sinceramente para esta verdade, a vida torna-se mais saudável, porque embebida de renovação espiritual, humana e social.

A *Lumen gentium* do Concílio Vaticano II, vem recordar a importância da missão da Igreja a nível espiritual e social: a Igreja deve ser um sinal e um instrumento da união com Deus, constituindo uma humanidade mais saudável na paz e na alegria (LG 1). Os ministérios pastorais, na diversidade de dons, formam a família de Deus que actua de modo específico na Igreja e na sociedade humana onde ela é sinal do Reino e templo do Espírito Santo. S. João Paulo II estabelece as diretrizes para o exercício adequado da tarefa pastoral na Encíclica *Veritatis Splendor* (06 de Agosto de 1993), sobretudo no que se refere à consciência dos seus agentes sobre ao cuidado com a vida<sup>65</sup>. Tal como sublinha S. João Paulo II, a consciência, a moralidade objectiva e a compaixão, tendo em conta a pessoa humana, apresentam a verdade moral de modo claro, vigoroso, livre e, sobretudo, valorizando as tradições pastorais: no respeito pela dignidade, a consciência e a liberdade humana.

S. João Paulo II dá instruções claras e apresenta a doutrina da Igreja, sobretudo no cuidado a ter com os doentes e os pobres, no sentido da compaixão e compreensão para com todos. O doente é o primeiro, o centro, nos nossos cuidados de saúde. A par do incentivo à compreensão, adverte S. João Paulo II, que “se trata de uma opção, ou de uma *forma especial* no primado da prática da caridade cristã, testemunhada por toda a tradição da Igreja. Esta tem o dever de ser a compaixão, misericórdia e responsabilidade, integrada na dimensão humana e cristã testemunhada por toda a Tradição da Igreja”<sup>66</sup>.

Ao longo do caminho pastoral, parece-nos ser uma das mais nobres orientações da Igreja, no campo da pastoral da saúde: acompanhar, cuidar e acolher a pessoa em

---

<sup>65</sup> Cf. R. GULA, *Ética no ministério pastoral* (S. Paulo: Ed. Loyola, 2001) 72-73.

<sup>66</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *A solicitude Social da Igreja* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1988), 93.

sofrimento, estar com! É surpreendente verificar como a renovação na pastoral dos doentes está a acontecer constantemente na sua origem e singularidade de projecto em benefício da pessoa na sua situação mais vulnerável. No que concerne ao trabalho de pastoral, a Igreja preocupa-se profundamente com os doentes, acompanha espiritualmente a todos e, sobretudo, cuida dos mais fracos, dando testemunho da sua identidade e revelando a ternura de Deus no coração da pessoa atingida pela doença.

#### 4.2.2. Linhas de força da pastoral da saúde

Hoje em dia, o homem não deixa de se encantar com os valores fundamentais da vida, podendo daí propiciar uma nova cultura<sup>67</sup>. O encanto, porém, não é uma forma de pensar ou conhecer. É uma experiência profunda, mais importante ainda, é uma forma de consciência, que implica a renovação das linhas da força da ação pastoral, no universo humano cheio de mistério.

A pastoral da saúde, fiel à Igreja, é sinal e testemunha do Reino de Deus ao confrontar-se quotidianamente com as forças de morte, que trazem miséria, doença e desespero. Neste âmbito faz uma experiência profunda e sente-se “arrastada” pela consciência de Mistério. As linhas de força na pastoral da saúde residem na capacidade que a Igreja tem de sair de si mesma, de se envolver com a comunidade e de se tornar instrumento da novidade do Reino de Deus, confrontando e discernindo os sinais do tempo presente, assumindo os dramas, as esperanças e sofrimento do povo<sup>68</sup>. Além disso, as orientações pastorais são concludentes no sentido da renovação e empenho para uma reforma pastoral, em toda a sua profundidade e extensão, na nossa realidade singular, atenta ao homem concreto.

---

<sup>67</sup> Cf. PAULO VI, *A Evangelização no mundo contemporâneo: Evangelii Nuntiandi*, (Lisboa: Edição do Secretariado Geral do Episcopado, 1976), 28.

<sup>68</sup> Cf. G., LOCKMANN, *Reino de Dios, su lugar bíblico-teológico em el Plan para la vida y la Mission de la Iglesia*, in *Caminhando* V-12, nº. 20 (2007) 51.

Segundo o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. José Policarpo, de feliz memória, a humanidade de hoje exige e reclama que tudo esteja ao serviço do homem: a política, os sistemas económicos, organizações sociais, na igualdade absoluta de todas em dignidade e no direito a saúde, a harmonia e ao bem-estar: “a humanidade grita por novos caminhos de autêntico progresso humano para que no meio da crise se encontre caminho de esperança”<sup>69</sup>.

Ação pastoral junto dos doentes implica um desafio, na medida que é enviada a realizar a sua missão no mundo, na Igreja e na sociedade. Este trabalho vai ao encontro do homem em sofrimento: acolher, cuidar e acompanhar o doente, sendo uma voz profética que denuncia o mal. Todos os agentes da saúde são chamados a ser esta voz, no mundo do sofrimento e da miséria humana, onde, além de doença, muitas famílias vivem também assoladas por uma pobreza e miséria indiscutíveis. É óbvio que também devemos chamar a atenção do poder económico e político para a desigualdades gritantes entre pobres e ricos, sobretudo a nível da saúde. Neste contexto, as estruturas multidisciplinares de cuidados e apoios integrados com intercâmbio com as equipas pluridisciplinares são uma ajuda à pessoa que sofre, no sentido em que procuram encontrar um caminho com determinação ao agir em benefício do doente, tendo presente a realidade dinâmica do ser humano e a sua competência relacional.

---

<sup>69</sup> Mensagem de Sua Eminência o Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. José da Cruz Policarpo, para a Quaresma (Lisboa 2008), 3, in M. DA CONCEIÇÃO, *Uma comunidade de vida e saúde: contributo para uma Pastoral de Saúde em Psicogerontologia* (Lisboa: Paulus 2012), 112.

### 4.3. A presença Hospitaleira

A presença hospitaleira é chamada a descobrir Deus na pessoa do doente, como um presente “presente” recebido a partir da escuta do grito dos pobres. Ao mesmo tempo como anúncio da Boa Nova do Reino, transmitida a partir de palavras, gestos, e ações numa assistência corporal e espiritual do doente.

#### 4.3.1. A dimensão cristã da doença.

As palavras e ações geradoras de comunhão são anunciadoras do Evangelho da paz, da esperança e, sobretudo, revelam a presença de Jesus na história da humanidade doente. A presença hospitaleira é chamada a ser maneira viva de Cristo misericordioso. A Igreja, representada hoje por várias Congregações e Ordens Religiosas, segue, conforme o testemunho bíblico, o carisma da presença viva da Igreja que, em nome de Jesus Cristo, se compadece dos doentes. Imagem representada, por exemplo, no serviço das Ordens hospitaleiras masculinas e femininas<sup>70</sup>. Esta presença leva em si mesma a força transformadora de uma comunidade em Missão, a entrega generosa, na proximidade, na escuta e no tratamento desinteressado aos doentes, aos quais vão revelando quotidianamente a dimensão cristã da doença, com a presença de Cristo.

A visão cristã da doença leva-nos a descobrir que os doentes e necessitados, através dos quais seguimos Cristo, ajudam-nos a crescer na consciência de que a sua vida brilha também na nossa, enriquece-nos de humanidade, na entrega à margem de toda a lógica calculista e da busca de resultados. A presença hospitaleira é chamada a descobrir Deus na pessoa doente, como um presente recebido a partir da escuta do grito dos pobres. Por isso, S. Bento Menni dizia «que felicidade a nossa porque tem sido

---

<sup>70</sup> Cf. IRMÃS HOSPITALEIRAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, *Carta da Identidade da Instituição*, XIX capítulo geral, Roma, 2010, in M. DA CONCEIÇÃO, *Uma comunidade de vida e saúde*, 156.

favorecida com tão bela vocação de caridade»<sup>71</sup>. Esta vocação cristã revela a presença significativa do mistério de Cristo. Ele é, para os doentes, a força anímica que simultaneamente leva a viver como cristãos a doença.

E finalmente a visão cristã constrói uma aliança onde a presença dos hospitaleiros se torna mística de gratuidade, a partir da missão em benefício dos doentes mais necessitados. Trata-se de converter o sofrimento em fonte de alegria e bênção para com os doentes.

#### 4.3.2. A dimensão pastoral do cuidado do enfermo

É no contexto do mundo religioso, diante da importância da missão da Igreja de cuidar dos enfermos, que surge a pastoral da saúde.

##### 4.3.2.1. A pastoral da saúde e sua missão

A pastoral de saúde é ação evangelizadora de todo o povo de Deus comprometido em promover, preservar, defender, cuidar e celebrar a vida, tornando presente no mundo da saúde a ação libertadora de Jesus<sup>72</sup>. Esta pastoral tem por objetivo geral evangelizar o mundo da saúde à luz da opção preferencial pelos pobres e enfermos, participando da constituição de uma sociedade justa e solidária a serviço da vida<sup>73</sup>.

A visita pastoral ao doente é um momento privilegiado para fazê-lo sentir o apoio da comunidade e a presença da Igreja. Essa visita pode ser breve, confortante, ou longa e conversar com o doente com perguntas que, em vez de ajudá-lo, o perturbam. A visita provoca um bem-estar no paciente e é uma oportunidade de aprendizagem que o

---

<sup>71</sup> M. DA CONCEIÇÃO, *Uma comunidade de vida e saúde*, 157.

<sup>72</sup> Cf. A. BALDESSIN, *Como fazer pastoral da saúde?* (São Paulo: Loyola 2000) 50.

<sup>73</sup> Cf. A., BALDESSIN, *Como fazer pastoral da saúde?* 206.

agente tem para crescer e corrigir sua maneira de visitar os doentes<sup>74</sup>. A missão da pastoral de saúde é a promoção do encontro do doente e de sua família. Isto é, dos profissionais da saúde, das instituições de saúde e das pessoas sadias com um ministério de relação de ajuda elevado a partir da fé em Jesus Cristo Salvador, que proporciona cura, assistência, libertação, reconciliação, sentido de vida crescimento humano e salvação<sup>75</sup>. Na realidade, o atendimento religioso aos doentes ao domicílio e no hospital deveria revelar a necessidade da pastoral da saúde nas paróquias. O que, na realidade angolana, nem se sempre se verifica. Ora, vejamos!

Na maior parte das paróquias não existe um trabalho espiritual organizado e sistematizado junto aos enfermos ao domicílio, assim como não há entrosamento com o trabalho feito nos hospitais, porque na maior parte dos hospitais não existe uma pastoral empírica e sistemática. Limita-se o atendimento aos casos urgentes, favorecendo ainda mais a ideia de que o serviço religioso é só para os doentes terminais.

Percebe-se o desconhecimento completo da missão espiritual do ser humano. Muitos fiéis acreditam que a doença é «mandada» por Deus, o que pode ser observado pelas afirmações muitas vezes expressas por eles: “seja como Deus quer”, “se Deus quiser eu vou melhorar”.

A falta de equipas preparadas e a indiferença de muitos cristãos dificultam a localização dos enfermos.

Acontecimentos verdadeiros e outros “forjados” contra as autoridades da Igreja criam um clima adverso ao serviço religioso da paróquia.

Há falta de acolhimento em algumas paróquias, especialmente por ocasião de batizados dos filhos de mães solteiras, pais divorciados, o que cria uma imagem negativa da Igreja.

---

<sup>74</sup> Cf. A. BALDESSIN, *Como visitar um doente: orientações pastorais para Padres, pastores e agentes pastoral* (São Paulo: Ed. Loyola, 1999) 25-27.

<sup>75</sup> Cf. M. BAUTISTA, *O que é pastoral da saúde?* (São Paulo: Loyola, 2002) 37.

Esta pastoral é, de certa forma, uma complementação da pastoral hospitalar, pois nas paróquias, encontramos pessoas que gostam e têm o costume de visitar os doentes. Encontramos também alguns Padres dedicados e atenciosos para com os doentes de suas paróquias<sup>76</sup>. Como se pode ver, é um trabalho que não conta com uma linha organizada de ação, o que ressalta a urgência, não só nas paróquias, mas também nos hospitais, de um serviço da pastoral da saúde planejado, estruturado e bem-organizado, pois ela é uma das pastorais mais evangélicas e mais necessárias ao povo sofredor de Deus<sup>77</sup>. Cabe esclarecer que nesta pastoral não basta só a boa vontade e a boa intenção de fazê-la. É preciso formação. Por isso, é de fundamental importância o cuidado com as pessoas que ingressam nela, não só fornecendo subsídios materiais, mas também garantindo a formação em todos os níveis das pessoas envolvidas, inclusive ao nível psicológico, para ajudá-las no cuidado dos enfermos. Em muitos lugares e momentos, o doente só tem o contacto com este agente e ao mesmo acaba sendo o elo entre o doente e a Igreja. São pessoas que as paróquias deveriam olhar com um cuidado muito especial.

A pastoral também impõe um contato com o pároco, para avaliação constante e continuada da caminhada. O pároco deve sempre se preocupar com a formação espiritual destes membros, pois eles se tornam os mais longos da Igreja, indo muitas vezes onde o Padre não pode ir. Assim, é sempre bom buscar ajuda de quem entende do assunto, ou seja, algumas Congregações religiosas e os responsáveis pela pastoral da saúde a nível diocesano. No nosso entender a pastoral da saúde deve marcar muita presença nos hospitais, pois também é um pecado grave abandonar os enfermos residentes no perímetro de paróquia e deixá-los sem assistência espiritual em um momento tão delicado das suas vidas. Pois a visita consiste em um julgamento de

---

<sup>76</sup> Cf. A. BALDESSIN, *Como fazer pastoral da saúde?* (São Paulo: Ed. Loyola, 2000) 163.

<sup>77</sup> Cf. A. BALDESSIN, *Como fazer pastoral da saúde?*, 163.

abandono e não parte do juízo final: “ Estava nu, e vestistes-me, adoeci, e visitastes-me, estive na prisão, e fostes ver-me” (Mt 25,36).

#### 4.3.2.2. O atendimento religioso actual

Frente a uma doença, se buscamos a ciência, ela nos ajudará a compreender os seus mecanismos fisiológicos. Somente a religião nos oferecerá o alívio e a força que necessitamos para enfrentá-la<sup>78</sup>. Especificamente no tratamento do doente, a religião pode oferecer muitas contribuições tais como:

- a) Oferecer esperança, sentido, significado e sensação de bem-estar emocional;
- b) Ajudar as pessoas a enfrentar melhor a dor e o sofrimento, encontrando nessas realidades um sentido reasegurador;
- c) Solucionar o problema perturbador da morte por meio da crença na continuidade da vida;
- d) Dar às pessoas uma sensação de poder e controlar por meio da associação com uma força onipotente;
- e) Promover a coesão social.

No contexto da doença, a religião pode promover um bem-estar às pessoas mais diretamente do que um sistema médico voltado ao tratamento de indivíduos uma vez que a doença é contraída na sociedade<sup>79</sup>. A Igreja, enquanto instituição religiosa, tem a missão profética de anunciar o Reino aos doentes e a todos os que sofrem, proporcionando-lhes conforto. E indo pregar, dizendo: «É chegado o Reino dos Ceus. Curai aos enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos e expulsai os demónios: de graças recebestes, de graça dai» (Mt 10,6-7).

Assim na luta contra a enfermidade, a Igreja:

---

<sup>78</sup> Cf. A. BALDESSIN, *Como fazer pastoral da saúde*, 38.

<sup>79</sup> Cf. A. BALDESSIN, *Como fazer pastoral da saúde*, 40.

[...] deve assumir, sobretudo, a luta contra a injustiça e o pecado humano que produz a enfermidade, a luta contra o seu sentido da enfermidade que é preciso viver, a luta para descobrir na inevitável dor e fragilidade sua possibilidade salvadora, a outra face encoberta do chamado do amor<sup>80</sup>.

No mundo da globalização, há predomínio da ciência e da técnica, da política e do poder económico. A Igreja e seus integrantes precisam de conhecer o contexto sociocultural atual, com sua influência diretamente no mundo da saúde a fim de poder ter a atitude pastoral e litúrgica adequada<sup>81</sup>. A atuação da Igreja no processo de evangelização, especialmente na saúde, acontece junto dos enfermos, profissionais e familiares, bem como junto dos conselhos do Estado. Visto que a palavra evangelizar resume todas as ações e atividades de Jesus enquanto esteve no mundo: «Ele me ungiu para evangelizar os pobres» (Lc 4,18); «Ai de mim, se não evangelizar» (1Cor 9,16).

#### 4.3.2.3. A actuação da Paróquia

A pastoral dos enfermos é diferente na comunidade paroquial e no hospital. Na paróquia impõe as seguintes condições: que os seus membros estejam mentalizados e evangelizados sobre a importância da pastoral dos enfermos: pregação, oração, catequese, informações, celebrações, jornadas diversas, planos pastorais, testemunhas e ajuda, que estes serviços e ajuda se tornem realidade concreta na paróquia; pelo acolhimento e espaços para os enfermos, pelos meios destinados a eles, pelas ofertas e atividades, que tal serviço seja confiado a membros responsáveis da paróquia.

A existência de uma equipa ou de um grupo de leigos responsabilizados por esta pastoral ou colaboração com os presbíteros é de capital importância. A eles cabe: conhecer os enfermos que existem, ver suas necessidades e situações, informar o pároco

---

<sup>80</sup> Cf. A. BALDESSIN, *Como fazer pastoral da saúde*, 58.

<sup>81</sup> Cf. A. BALDESSIN, *Como fazer pastoral da saúde*, 58.

e a comunidade, programar a ação durante um período determinado, buscar a solução de diversos problemas, e estar em contacto permanente com os enfermos para os sacramentos<sup>82</sup>. Não há dúvida de que a Igreja deve conduzir uma pastoral profética, que denuncie injustiça, anuncie a salvação e mantenha esperança, partir da proclamação da Boa Nova, e da fé profunda no Evangelho. Isto implica a palavra e os sinais ou testemunho. Quanto à palavra, sabemos que é preciso anunciar, mas é-nos difícil anunciá-lo nesta situação.

#### 4.3.2.4. A actuação no domicílio

No domicílio, a pastoral da saúde não deixa de ser semelhante àquela do hospital, pois presta serviços incalculáveis aos doentes e familiares quando pode contar com uma boa equipa de leigos que têm vocação e dedicação a esse ministério<sup>83</sup>. A visita aos doentes constitui um elemento integrante essencial da pastoral com os doentes e uma forma, mais clássica e tradicional, de realizar a missão de continuar o ministério de Cristo, no testemunho de caridade. Desde o princípio a Igreja sentiu-se obrigada em virtude das palavras de Jesus: «estive doente e me visitastes» (Mt. 25, 36).

Esta visita deve ser entendida não como um encontro esporádico, protocolar ou do último momento, mas como uma ação permanente da comunidade na solicitude do enfermo. Portanto as visitas aos doentes têm por finalidade o conforto, o ânimo que se leva ao enfermo, e também a atenção às suas verdadeiras necessidades, físicas, materiais, psicológicas e espirituais. E sendo uma ação que cabe a todos os membros da

---

<sup>82</sup> Cf. D. BOROBIÓ, *Unção dos enfermos*, 599.

<sup>83</sup> Cf. C. BARCHIFONTAINE, *O agente de pastoral e a saúde do povo* (São Paulo: Ed. Loyola, 1986) 75.

Igreja pelos enfermos<sup>84</sup>. Assim, a visita aos doentes se torna um meio de levar a vida e não a morte ao enfermo.

Também ao visitar, os doentes em casa, deve-se considerar vários fatores: dificuldade de família em admitir que tenha doente em casa; as muitas famílias que não participam da vida da comunidade, os que só vão à Igreja por necessidade de batizar os filhos, fazer a primeira comunhão ou para o casamento dos filhos de amigos:

Para alguns, a vida religiosa se resume em participar na celebração de missas pelos mortos, enquanto uma grande maioria participa nas festas mais importante como a semana Santa e Páscoa, Natal, dias das Mães dos Pais, etc. Além de tudo isso, devemos levar em consideração ainda o pluralismo que vivemos com uma série de crenças, tal como acontece no hospital a primeira atitude do agente ao visitar uma família é respeitar as pessoas e também seu espaço físico<sup>85</sup>.

#### **4.4. A Unção dos Enfermos na visão do Concílio Vaticano II**

O Concílio Vaticano II não pretendeu oferecer uma doutrina sobre a Unção dos Enfermos. Porém, fez uma reforma tão profunda do rito que chega a propor um novo nome para o sacramento, de «extrema-unção» para «Unção dos Enfermos» (SC 73). De igual modo, no que se refere ao sujeito do sacramento, os Padres conciliares procuram interpretar o perigo de morte no sentido mais amplo possível, a fim de evitar críticas e os inconvenientes pastorais vivenciados na práxis «ad mortem»<sup>86</sup>: “o tempo oportuno para recebê-lo [o sacramento da Unção] começa quando o cristão já mostra indícios de estar em perigo de morte por enfermidade ou velhice” (SC.73).

Ao referir o título «Unção dos Enfermos» (SC 73) em vez de “extrema unção”, o concílio Vaticano II definitivamente deu uma virada em busca das nossas fontes

---

<sup>84</sup> Cf. D. BOROBIO, *Unção dos enfermos* in D. BOROBIO, (Org.), *A celebração na Igreja, VI Liturgia e Sacramento fundamental* (São Paulo: Ed. Loyola, 1990) 601.

<sup>85</sup> D. BOROBIO, *Unção dos enfermos*, 174.

<sup>86</sup> Cf. D. POWER, *O sacramento da unção: questões abertas*, in *Concilium*, nº 237 (1991) 105 [24]: essa posição conciliar foi preparada por estudos históricos sobre vários usos de óleo ao longo da Idade Média. Cf. G. COLOMBO, *Unção dos enfermos*, in *Dicionário de liturgia* (São Paulo: Ed. Vozes, 1991) 1209.

litúrgicas e prática pastoral, pois esta mudança de nome indica uma mudança de mentalidade e de teologia. A unção volta a ser o sacramento dos doentes em função da vida. A fórmula da unção foi alterada para melhor exprimir a natureza e os efeitos do sacramento, também o número de unções foi reduzido a duas: na frente e nas mãos, podendo ser reduzidos a uma só unção na frente ou em outra parte do corpo e nas mãos, podendo ser reduzidos a uma só unção na frente ou em outra parte do corpo mais adequada. A unção pode ser repetida, caso haja necessidade (agravamento da doença)<sup>87</sup>.

Podemos verificar o acima exposto no texto a seguir:

A “extrema-unção”, que podemos chamar também, e melhor, de “Unção dos Enfermos”, não é um sacramento só daqueles que estão para morrer. Portanto, tempo oportuno para receber a Unção dos Enfermos é certamente o momento em que o fiel começa a correr perigo de morte, por motivo de doença ou de idade avançada (SC 73).

A unção, portanto, destina-se aos doentes cuja vida está em perigo, devido ao mal que os afeta. Não se trata mais da iminência da morte como critério para a realização do sacramento. A unção também é destinada às pessoas idosas, visto que a sua fraqueza física encerra certo perigo de vida<sup>88</sup>. O sentido do sacramento (LG 11) é justamente o que se propõe, sublinhando a dimensão eclesiológica, a dimensão cristológica e pessoal, ou antropológica, conforme se vê a seguir:

Pela Sagrada Unção dos Enfermos e pela oração dos presbíteros, a Igreja toda entrega os doentes ao cuidado do Senhor sofredor e glorificado, para os alivie e salve (Tg 5, 14-16). Exorta-os a que livremente se associem à Paixão e morte de Cristo (Cf. Rom 8,17; Cl 1,24; 2Tm 2,11-12; 1Pd 4,13) e contribuam para o bem do povo de Deus (LG 11)<sup>89</sup>.

---

<sup>87</sup> Cf. H. SCICOLONE, *Unção dos enfermos*, 257-258.

<sup>88</sup> Cf. C. ORTEMANN, *A força dos que sofrem*, 75-76.

<sup>89</sup> E. BRESSARI, *Unção dos enfermos*, in *Dicionário interdisciplinar da pastoral da saúde* (São Paulo: Loyola 1998) 1338.

No Concílio Vaticano II, temos uma recuperação do efeito curativo do sacramento dentro de uma visão totalizante da pessoa. Entre outros pontos, a preocupação do novo ritual foi direcionada à aplicação dos princípios da reforma litúrgica (simplicidade e clareza, diversidade e adaptação, participação e prioridade celebrativa comunitária, entre outros). A situação do sacramento e ação com os enfermos no contexto sociocultural novo (medicina, progresso e ciência, instituições sanitárias, psicologia do doente); a compreensão do sacramento no conjunto da ação pastoral com os enfermos.

A valorização da Unção a partir de uma visão antropológica mais integral (o homem realidade corpóreo-espiritual). O reconhecimento das diversas formas e possibilidades de celebração segundo a situação do enfermo (com ou sem eucaristia, em casa ou na Igreja, um ou vários doentes).

Tudo isso caminhou para que a Unção fosse relacionada com o cuidado que Jesus tem para com toda espécie de enfermo e com o seu preceito dado aos Apóstolos de curar os enfermos. Apreendendo-se, aqui, a essência do sacramento: ele representa o mistério da vitória de Cristo sobre a doença e a morte.

#### 4.4.1. O valor litúrgico do cuidado do doente

O valor do cuidado eclesial dos enfermos tem na celebração litúrgica o fulcro da sua sacramentalidade e porém, há também a prática da comunhão dos enfermos, que deve ser ministrada como verdadeiras celebrações litúrgicas.

##### 4.4.1.1. As celebrações do sacramento do doente

O sacramento da Unção dos Enfermos é um pouco marginalizado e esquecido sobretudo hoje no continente Africano, por causa do êxito das seitas, de várias origens

do mundo. Muitas vezes, nem os Sacerdotes gostam de dá-lo. Nem os fiéis de recebê-los. É preciso realizar uma tarefa de verdadeira revalorização do sacramento que, sem ceder a interpelações externas de ontem e de hoje, o situe em seu lugar dentro do conjunto da pastoral da Igreja e mais concretamente na pastoral sacramental. Cremos que para isso é necessário dar os seguintes passos: consciencializar e catequizar a comunidade cristã sobre o sentido e a importância da pastoral e do sacramento dos enfermos; situar esta pastoral sacramental no mundo cultural de enfermidade-saúde de nossos dias, ajudar a assumir o elemento trágico da vida, a dor, a enfermidade e a morte, como aspectos integrantes da condição integral humana, destacar os centros de sentido desta tarefa, com relação ao ministério libertador de Cristo e a solidariedade da Igreja-comunidade, suscitar e manter carisma, serviços e ministérios dos leigos que se responsabilizem da forma evangélica pelas pessoas enfermas, apoiar na pastoral diocesana e paroquial, esta dimensão nos mais pobres e necessitados, que muitas vezes são os enfermos de todo tipo.

Em todo caso, uma coisa é certa: ou o sacramento começa a ser revalorizado na vida, com um serviço de caridade e justiça sacramental, que crie o contexto adequado de celebração e compreensão, ou este será um sacramento desvinculado da vida<sup>90</sup>. Por outro lado, a visita aos enfermos tem como base a ação litúrgico-sacramental, já que existe um sacramento da Nova Aliança próprio para socorrer o homem nos momentos mais frágeis da sua vida. E ali se exerce o sacerdócio de Cristo, tanto no seu aspeto ministerial como universal, como também se vive a dimensão eclesial da fé cristã. É importante refletir sobre a relação do sofrimento e doença humanos com o mistério pascal de Cristo e perguntar que promessa a morte e a ressurreição de Cristo oferecem ao doente. Ao limitar o uso do sacramento da Unção dos Enfermos a pessoas em risco

---

<sup>90</sup> D. BOROBIÓ, *Unção dos enfermos*, in D. BOROBIÓ, (Org.), *A celebração na Igreja* (São Paulo: Loyola 1990) 504.

de vida, não se fez justiça aos efeitos corporais do sacramento. Com a mudança na formulação operada pelo Concílio Vaticano II, os efeitos corporais receberam mais atenção, de forma a relacionar o sacramento principalmente com a fé e a participação na páscoa de Cristo, e não a ver nele uma ocasião de uma cura carismática.

A ampliação do ministério da unção e das pessoas a serem ungidas mostra que a principal questão litúrgica e pastoral é o efeito do sacramento. Assim começaremos por citar a análise da natureza da liturgia, e sua importância na vida da Igreja realizada pela constituição «Sacrosanctum Concilium» na qual trata da necessidade da participação ativa e consciente do fiel no ato litúrgico. Contudo, esse horizonte não foi atingido até agora. As celebrações litúrgicas atuais deveriam ser o principal chamariz da Igreja e o momento cume e fonte da sua vida de fé. Se elas são frias, vazias, ideológicas, confusas, é porque há muito a ser feito:

É desejo ardente da mãe Igreja que todos os fieis cheguem aquela plena consciente e ativa participação na celebração litúrgica que a própria natureza da liturgia exige e à qual o povo cristão «raça escolhida, Sacerdócio real, nação santa, povo escolhido» (1Pd 2,9; Cf. 2,4-5) tem direito e obrigação por força do batismo<sup>91</sup>.

Esta participação ativa implica na intenção entre fiéis e o Sacerdote na celebração litúrgica. Portanto, a participação litúrgica tem por natureza o envolvimento da pessoa inteira num processo de comunicação que ultrapassa os limites do sensível, pois quando o homem se entrega a Deus, também ajuda a integração do mundo, vítima da desintegração do pecado.

#### 4.4.1.2. A comunhão dos doentes

A importância da comunhão dos enfermos é um prolongamento da graça recebida na Unção. A Eucaristia não é um sacramento específico da enfermidade, mas é

---

<sup>91</sup> *Sacrossanctum Concilium*, 15.

necessária para alimentar a disposição que a unção cria no enfermo que celebra com o coração. Por ser o sacramento por excelência da vida cristã, também o é para os momentos em que a enfermidade chega. Não se trata de uma ala esporádica, mas de um serviço permanente, que a comunidade tem obrigação do cuidado pastoral, e os enfermos têm o direito de receber.

A comunhão Eucarística entra em cheio nas tarefas litúrgicas da Igreja com os enfermos. Assim o entendeu a Igreja primitiva, precisamente para poder tornar os enfermos participantes da Eucaristia. Infelizmente, hoje este ministério está sendo muito marginalizado, algumas vezes por desconhecimento, falta de tempo ou preocupações e esquecimentos dos Sacerdotes, outras por medo, complexo, despreocupação e esquecimento dos enfermos. Contudo a comunhão dos enfermos tem pleno sentido e valor, e deveria ocupar um lugar importante nesta pastoral<sup>92</sup>.

A comunhão do enfermo é um ato pelo qual se manifesta a mútua vinculação. Isto torna-se mais evidente se a mesma comunidade reza, tem presente os seus enfermos, leva seu consolo e seus dons eucarísticos a eles; se o mesmo enfermo lê a palavra que seus irmãos proclamam na Igreja, se participa da comunhão que vem da Eucaristia, se leva alguma coisa para a Eucaristia seja por si mesmo, seja por outros. Esta participação e vinculação exprimem o sentido que tem a comunhão do enfermo<sup>93</sup>.

É muito comum que os enfermos e as pessoas impedidas possam receber a comunhão ao Domingo, o dia do Senhor, como sinal de que a comunidade não os esqueceu e rezou por eles. Para exprimir a vinculação entre a comunidade que aos Domingos celebra a Eucaristia e o enfermo, poder-se-ia dar o pão consagrado aos que vão levar-lhe a comunhão antes da despedida da missa; pode ser um bom momento para fazer na prática litúrgica uma catequese dessa missão. Também seria conveniente que se

---

<sup>92</sup> Cf. V. S. COSTA, *Viver a ritualidade litúrgica*. 49.

<sup>93</sup> Cf. D. BOROBIÓ, *Unção dos enfermos*, 602.

lesse na casa do enfermo ao menos uma das leituras que foram proclamadas na Missa do dia e se pudesse transmitir-lhe a mensagem dessa leitura<sup>94</sup>.

Para que a unção seja afinal verdadeiramente merecedora de credibilidade, ela deveria constituir o momento emergente de autêntica pastoral dos doentes e dos idosos, de que se encarregue toda a comunidade cristã, e no seu setor de trabalho, sobretudo, os que mesmo profissionalmente se dedicam aos doentes, como os médicos e os enfermeiros. Recordemos a possibilidade oferecida, por meio dos ministros extraordinários da Eucaristia, de propiciar aos irmãos doentes e sofredores, pelo menos aos Domingos, a oportunidade de comungar o corpo do Senhor<sup>95</sup>. É evidente que a primeira coisa a ser feita é avisar o Sacerdote da paróquia, indicando a situação da pessoa enferma, de modo que possa ser visitada e esse possa levar-lhe a comunhão, se este for seu desejo. É a comunhão levada privadamente pelo Sacerdote. Mas na comunidade paroquial existe uma equipa de pessoas especialmente responsabilizada pelo serviço de assistência aos enfermos, poderiam elas ou algumas delas ser enviadas para distribuir a comunhão aos enfermos no final da Eucaristia Dominical. Trata-se de um verdadeiro acto comunitário inserido dentro da Celebração Eucarística<sup>96</sup>.

#### **4.5. A prática da Evangelização da doença, em África a partir do sacramento da Santa Unção nas comunidades**

A prática deste sacramento tem vindo a ser muito deformada e a sua renovação não será fácil: porém, esta é urgente porque a enfermidade e o abandono pertencem á condição humana. Indo primeiro uns pontos de caracter doutrinal. Para depois sugerir algumas orientações pastorais dentro e fora das nossas comunidades.

---

<sup>94</sup> Cf. R. RUSSO, *Unção dos enfermos*, 260.

<sup>95</sup> Cf. R. RUSSO, *Unção dos enfermos*, 260.

<sup>96</sup> Cf. G. COLOMBO, *Unção dos enfermos*, 1212.

#### 4.5.1. Efeitos da unção dos enfermos, na compreensão da Evangelização em Africa

##### a) O conforto do enfermo

Em primeiro lugar levar a consciência aos doentes, de que a primeira graça deste sacramento é uma graça de reconforto, de paz e de coragem para vencer as dificuldades próprias de estado de doença grave ou da fragilidade da velhice. Esta graça é um dom do Espírito Santo, que renova a confiança e a fé em Deus, e dá força contra as tentações do Maligno, a tentação do desânimo e da angústia da morte (cf. Heb. 2, 15). Esta assistência do Senhor pela força do seu Espírito visa levar o doente à cura da alma, mas também à do corpo, se tal for a vontade de Deus. Além disso, “se ele cometeu pecados, ser-lhe-ão perdoados”( Tg. 5, 15).

##### b) O perdão dos pecados e das suas sequelas

Quanto ao perdão dos pecados, o efeito próprio da Unção é o de um acabamento, de uma perfeição, dos efeitos do sacramento da Penitência, contribuindo para apagar as relíquias deixadas pelos pecados já perdoados e fortalecer a alma para evitar possíveis pecados futuros, de modo que a Unção é uma espécie de preparação imediata para a entrada na glória, e por isso mesmo deve receber-se na graça de Deus. Imediatamente, a Unção dos Enfermos perdoa também os pecados mortais se o doente não se pode confessar, porque, por exemplo, perdeu o uso dos sentidos; isto, contudo, unicamente no caso de antes de ter perdido o conhecimento estar arrependido dos seus pecados, mesmo que fosse de um modo geral e implícito<sup>97</sup>.

---

<sup>97</sup> Cf. DS 1696.

### c) A configuração com Cristo

O sacramento da Unção apresenta-se então como uma espécie de consagração da morte, pela qual nos acabamos de configurar com Cristo, que quis padecer e morrer pelos nossos pecados:

A Unção dos Enfermos completa a nossa conformação com a morte e Ressurreição de Cristo, tal como o Batismo a tinha iniciado. Leva à perfeição as unções em nós a vida nova; a da Confirmação robustecera-nos para o combate da vida; esta última unção mune o fim da nossa vida terrena como que de um sólido escudo em vista das últimas batalhas, antes da entrada na casa do Pai<sup>98</sup>.

Resumindo, a unção dos Enfermos enchem de paz, desperta no doente uma grande confiança na misericórdia divina e dá mais força para afastar as tentações do demónio, que costuma nesta ocasião redobrar os seus esforços, e tudo isto por sua ajuda a suportar melhor as incomodidades da doença, causa a desapareição das relíquias do pecado e o perdão dos pecados veniais, e produz a saúde do corpo, se é conveniente para saúde da alma.

#### **4.6. Algumas orientações**

A unção dos Enfermos não se pode ver nem administrar como um rito isolado, mas dentro da vocação baptismal, num processo de vida cristã e como expressão duma existência comunitária.

Há que situar este sacramento dentro da vocação baptismal. A incorporação sacramental na morte e Ressurreição de Cristo tem lugar no batismo. Todas essas deficiências e as mortes que se nos impõem continuamente são lugar onde os batizados “morrem cada dia” com Jesus Cristo. A unção de Enfermos tem o seu devido peso num processo de vida cristã. Segundo o Ritual, deve ser precedida pela celebração da

---

<sup>98</sup> DS 1694.

penitência, e depois se dá o viático<sup>99</sup>. A unção dos enfermos será significativa e eficaz na medida em que os enfermos tenham uma fé viva e se unam à celebração sacramental em que a Igreja confessa a sua fé e oferece a sua vida.

Finalmente, parece fundamental o clima comunitário na celebração deste sacramento. Os enfermos são membros vivos da comunidade. Se pela sua situação não podem participar nas celebrações comunitárias, haverá que prestar-lhes atenção, fazer-lhes sentir a presença da comunidade não só levando-lhes a Eucaristia, mas também mediante visitas e gestos de fraternidade. A unção com a oração da comunidade, que Tiago nos refere (Tg 5,14-15), é um gesto solene, porém dentro duma comunidade viva, cujo critério de conduta é visitar, prestar atenção aos desvalidos (Tg 1,27). A visita com amor aos enfermos foi muito recomendada nos primeiros séculos e parece fundamental para que se atinja na profundidade o sacramento da unção. Conforme a tradição cristã, a visita aos enfermos, foi sendo uma prática em constante renovação desde os primeiros séculos. Desta feita, o Novo Ritual (Intr., n°s 4, 33, 35, 37) a consignou nas suas preocupações pastorais.

---

<sup>99</sup> Cf. BECKHAUSER, A., *Os sacramentos na vida diária*, 144-145.

## **Conclusão**

Em todos, os tempos o homem confrontou-se sempre com a questão da doença que existe no mundo. E a primeira questão que se coloca é sempre no sentido interrogar a acção de Deus diante da doença humana.

O nosso objectivo era mostrar que o Concilio Ecuménico Vaticano II intuiu o sacramento da Unção dos Enfermos destinado a promover a vida dos doentes que o recebem, e não para celebrar sua morte. Isto fica mais por conta do viático. Todo o caminho percorrido ao longo deste trabalho teve uma fundamentação na teologia vivida pela Missão de caridade com a doença, que se concretiza no acompanhamento espiritual promovido pela sua pastoral carismática, com uma nova dimensão religiosa enraizada no mundo da saúde fazendo a sua centralidade em Jesus Cristo, que se revela no homem doente e pobre.

A assistência religiosa as hospitais Angolanas não encontra muita facilidade por causa de uma mentalidade hospitalar com muita mistura de seitas que não vai ao encontro da teologia que ressaltamos neste trabalho. Persiste a ideia de que a existência religiosa fica para o momento extremo. Neste trabalho insistimos um pouco sobre as Celebrações da Unção e a Eucaristia dos Enfermos (doente) que devem ser momentos Litúrgicos de qualidade, ao nível da arte celebrativa, quanto à fé.

Assim sendo, este Sacramento é um momento especial para ajudar o doente a se sentir membro vivo da comunidade eclesial. Esta poderá, através de visitas, ir ao seu encontro e reanimá-lo dando força para enfrentar a sua situação com um olhar de fé. Uma celebração comunitária da Unção dos Enfermos poderá ser um sinal da fraternidade, tal como dia 11 de Fevereiro dia do doente. Esta Unção dos Enfermos é uma oportunidade para a pessoa fazer uma experiência da graça de Deus que se dá através deste Sacramento que restituirá alguns membros da comunidade os quais

poderão testemunhar a presença de Deus em suas vidas, uma oportunidade de aproximação e integração da família e do doente, abrindo assim uma perspectiva de esperança para o doente. Necessita para isso de ser profissionalmente organizada, humanamente atenta e acolhedora, pastoralmente competente e participativa, aberta á comunidade, comprometida com os valores da vida, dialogante. O agente de pastoral, por sua vez, deve ser profissionalmente qualificado, disponível, adepto da formação permanente, competente e humano. A relação pastoral de ajuda, ao ser promotora de boas práticas pastorais, pode constituir a força motivadora e orientadora da renovação e da transformação necessárias. Seguindo a exemplo de Jesus que ordenou os seus discípulos a ter compaixão com os doentes: “estive doente e visitaste-me” (Mt 25,36) “tudo o que fizeste a um destes Irmãos mais pequeninos foi a mim que o fizestes” (Mt,25,40).

E finalmente neste trabalho procura chamar-se a atenção para a situação dos doentes e a responsabilidade que todos nós temos em relação a eles e o quanto a Igreja deve contribuir nesta missão com o seu sentido profético e evangelizador.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **Documentos Conciliares.**

CONCILIO ECUMENICO VATICANO II. *Constituição Sacrossanto Concilio sobre a Sagrada Liturgia. In Compêndio do vaticano II. Constituições, decretos, declarações.* Petrópolis: Vozes. 1991.

CONCILIO DE TRENTO, 14 Sessão, 25 Novembro 1551, *Doutrina, sobre o Sacramento da Extrema-unção.*) in DENZINGER, Heinrich, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé moral* Cap.1 (DS 1695 (São Paulo: Edições Loyola, 2013)

“Constituição Apostólica: *Sacram Unctionem Informorum*, in *Ritual Romano da Unção e Pastoral dos Doentes*, 11-15. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1994.

### **Cartas Encíclicas**

JOÃO PAULO II, *A solicitude Social da Igreja* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1988).

PAULO VI, *A Evangelização no mundo contemporâneo: Evangelii Nuntiandi*, (Lisboa: Edição do Secretariado Geral do Episcopado, 1976).

### **Conferências Episcopais**

CNBB. *Pastoral da saúde*. Ed. Paulinas, São Paulo, 1980.

\_\_\_\_\_, *Manual dos doentes*. Ed. Paulinas, São Paulo, 2003.

### **Estudos**

ALTUNA, R. A., *Cultura tradicional bantu*, (Luanda Ed. Paulinas, 1993) 89-92.

ALMEIDA, C., *Como tratar com um doente* (:São Paulo: Ed. Paulinas, 1982).

AMBROSIO, J.F., *Doença, celebração e celebração da fé*, in *Communio* 1 (1998) 50-61.

BORTOLINI, J., *Os sacramentos na tua vida* (São Paulo: Paulinas 1981).

BOROBIO, D., *A celebração na Igreja. Vol., I- Liturgia e sacramentologia fundamental* (São Paulo: Ed. Loyola 1990).

BALDESSIN, A., *Como fazer pastoral a saúde?* (São Paulo: Ed. Loyola, 2000).

\_\_\_\_\_. *Assistência religiosa aos doentes no mundo moderno* (São Paulo: Ed Loyola 2007).

\_\_\_\_\_, *Como visitar um doente: orientações praticam para Padres, Pastores e agente da pastoral da saúde* (São Paulo: Ed. Loyola, 2004).

BAHU, H., *Os profetas e a cura pela fé: um estudo Antropológico da Igreja de Cristo salvador do Lubango* (Lisboa: ISCTE 2014).

BERMEJO, J.C., *El cristiano y la enfermedad* Barcelona: Centro de Pastoral Liturgica, 1995<sup>2</sup>).

COMBILIN, J., *A Igreja sua missão no mundo. Breve curso de Teologia: A unção dos enfermos* (, São Paulo: Ed Paulinas 1985).

CALEY, C., “ *As religiões tradicionais Africanas e universais em Angola, em tempos de Renascenças*”( *Acatos de workshop.*) *sobre o fenómeno religioso em Angola, Luanda*, (INAR- Instituto Nacional para os assunto Religioso. Ministério da Cultura. 2011) 27.

DA CONCEIÇÃO, M., *Uma comunidade de vida e saúde: contributo para uma Pastoral de Saúde em Psicogerontologia* (Lisboa: Paulus, 2012).

DALPINO, F., *Liturgia e terapia. Sacramentalidade a serviço do homem na sua totalidade* (São Paulo: Ed. Paulinas , 1998).

ENZO BIANCHI, L.M., *O sentido da doença e o acompanhamento dos doentes* Roma: Mangano 2006).

ESPEJA, J., *Para compreender os sacramentos* (Estella: Ed. Verbo Divino 1989).

ERNESTO, B., “ *Unção dos enfermos*”, in *Dicionário Interdisciplinar da Pastoral da Saúde* (São Paulo: Ed. do camilianum Instituto Internazionale di Teologia Pastoral Sanitária 1999).

FARIAS, J., *A unção dos doentes: O sacramento do conforto e da consolação* (Lisboa: UCE 2011).

FERREIRA, I., *Unção dos enfermos. Sacramento de esperança cristã* (São Paulo: Ed, Salesiana Dom Bosco 1982).

FABER, M. E., *Doutrina Católica dos sacramentos* (São Paulo: Ed. Loyola, 2008).

FRANÇOIS, L., *Antropologia da doença* (. São Paulo: Ed. Martins Fontes 2004).

FORTUNE, R., *Os feiticeiros de Dobu* (. Londres: Ed. de livraria Bertrand 1977).

GRUN, A., *A unção dos doentes* (São Paulo: Ed. Paulinas 2001).

HORTAL, J., *Os sacramentos da Igreja na sua dimensão canónica- pastoral* (São Paulo: Ed. Loyola 1987).

- LARCHET, J. C., *A teologia da doença* (Lisboa: São Paulo 1994).
- MOLINÉ, E., *Os sete sacramentos* (Lisboa: Diel 2001).
- MAGGIONI, B., *Gesù e i malati nel Vangelo di Matteo*, in *PSV 2* (1999) 84-85.
- NICOLA, M., *La unción de los enfermos. Estudio histórico- dogmático* (Madri: Ed Católica 1975).
- NICOLAU, M., *La unción de los enfermos: estudio histórico-dogmático* (Madrid: BAC 2001).
- ORTEMANN, C., *Le sacrement des malades: histoire et signification* (Paris: Ed. Du chalet 1971).
- PAGOLA, A. J., *Ide e curai. Evangelizar o mundo da saúde e da doença* (Lisboa: Ed. Paulus 2015).
- PAIVA, J.P., *Bruxaria e superstição num pais sem " caça bruxos* (Lisboa: Ed. Noticias 1997).
- RODRÍGUEZ, J., *La santa unción de los enfermos* (Barcelona: Ed. Centro de pastoral litúrgica 2010).
- ROCCHETTA, C., *Los sacramentos de la fe* (Salamanca: Ed. Secretariado Trinitário 2002).
- SAMPAIO, F., *Relação pastoral de ajuda. Boas praticas no acompanhamento espiritual de doentes* (Lisboa: UCE 2011).
- SHLEMON, B.L., *Curar como Jesus curou: o sacramento da unção dos enfermos* (São Paulo: Ed. Loyola 1981).
- VOUGA, F., *A carta de Tiago* (São Paulo: Loyola 1996).

## Índice

Introdução .....	1
Agradecimento .....	3
Capítulo I - Antropologia da doença na cultura indígena angolana .....	4
1. A concepção da doença na cultura angolana .....	4
1.1. As curas na tradição angolana .....	5
1.1.1. A cura por meio de plantas medicinais .....	7
1.2. Causas da doença na cultura angolana .....	9
1.2.1. A problemática do feitiço .....	9
1.2.2. A magia .....	9
1.3. Relação entre dois modelos da doença na cultura angolana .....	11
1.3.1. O modelo de maldição .....	11
1.3.2. O modelo de punição .....	11
1.4. O conceito da doença no contexto sócio religioso .....	12
Capítulo II- A doença à luz da Sagrada Escritura .....	14
2.1. Fundamentação Bíblica .....	15
2.1.1. Antigo Testamento .....	15
2.1.2. A enfermidade no Novo Testamento .....	15
2.1.2.1. A maneira de entender a doença na tradição sinóptica .....	17
2.1.2.2. Mateus .....	17
2.1.2.3. Marcos .....	18
2.1.2.4. Lucas .....	19
2.1.3. A tradição Joanina .....	19
2.2. A compaixão de Cristo com os enfermos .....	20
2.3. A interpretação da doença a partir da fé .....	21
2.4. A cura no contexto do Reino de Deus .....	22
2.5. A transformação da doença em oração .....	24
2.6. A Unção dos enfermos: encontro com Cristo Senhor da vida .....	25
2.6.1. Amar até à morte .....	27
Capítulo III- O Sacramento da Unção dos Doentes: encontro do cristão que se .....	30
3.1. A enfermidade e a acção do sacramento dos enfermos .....	30
3.2. Teologia da Unção a partir do Rito .....	32

3.2.1. Óleo é um elemento essencial do sacramento .....	34
3.2.1. A bênção do óleo .....	36
3.2.3. A fórmula da Unção .....	37
3.3. A Dimensão eclesial do Sacramento .....	37
3.4. A nova maneira de compreender o Sacramento dos Doentes .....	39
Capítulo IV- Proposta para o acompanhamento do doente .....	41
4.4.1. A Unção dos Doentes na vida Pastoral .....	41
4.2. Orientações da Igreja .....	43
4.2.1. Renovação na pastoral dos doentes .....	43
4.2.2. Linhas de força da pastoral da saúde .....	45
4.3. A presença Hospitaleira .....	47
4.3.1. A dimensão cristã da doença .....	47
4.3.2. A dimensão pastoral do cuidado do enfermo .....	48
4.3.2.1. A pastoral da saúde e sua missão .....	48
4.3.2.2. O atendimento religioso actual .....	51
4.3.2.3. A actuação da Paróquia .....	52
4.3.2.4. A actuação no domicílio .....	53
4.4. A Unção dos Enfermos na visão do Concílio Vaticano II .....	54
4.4.1. O valor litúrgico do cuidado do doente .....	56
4.4.1.1. As celebrações do sacramento do doente .....	56
4.4.1.2. A comunhão dos doentes .....	58
4.5. A prática da Evangelização da doença em África a partir do sacramento da Santa Unção nas comunidades .....	60
4.5.1. Efeitos da unção dos enfermos na compreensão da Evangelização em África ....	61
4.6. Algumas considerações .....	62
Conclusão .....	64
Bibliografia .....	66